



3

**HISTÓRIA
SECRETA
DO BRASIL**

GUSTAVO BARROSO

GUSTAVO BARROSO

**HISTÓRIA
SECRETA
DO BRASIL**

VOLUME 3

1ª REEDIÇÃO

1993

Revisão Editora Ltda.
Conferindo e Divulgando a História
Caixa Postal 10466
90001 Porto Alegre-RS

ÍNDICE

Volume 3

I. O Brasil e a Baviera.	1
II. O homem que teve dois túmulos.	13
III. A camorra de cima.	33
IV. Satanás na Paulicéia.	45
V. A divindade do mistério.	57
VI. A religião do segredo.	71
VII. Tartufo e o poder oculto.	85
VIII. Os cabanos do Grão-Pará.	93
IX. A maçonaria negra.	115

"É justamente o que explica o antagonismo entre o povo judeu e a civilização nascida do cristianismo. No meio dum mundo transformado e adoçado, continua o homem de há três mil anos, ávido e hostil, encerrado na sua religião nacional, eternamente preocupado em escravizar todas as nações a Israel, como lhe foi anunciado de século em século pela sinagoga... Não se trata de odiar os judeus e ainda menos de desprezá-los. Não se despreza um povo que arrostou os séculos, a dispersão, a decadência moral e material, conseguindo manter-se intacto. Mas é natural que seja temido e que se pense em proteger contra suas agressões o patrimônio moral e material das nações cristãs."

Salluste, *"Les origines secrètes du bolchevisme"*, pg. 299.

"Essa nação celerada espalha seus usos e intrigas em todos os países."

Suetônio, *"Vida de Tibério"*.

"Os judeus não são mais do que ódio e hostilidade contra todos os homens."

Tácito, *"Anais"*.

"O traço mais notável de todas as revoluções ocorridas no continente é o papel preponderante dos judeus. Enquanto uma parte deles se apodera dos grandes poderes financeiros, outros indivíduos de sua raça são os chefes dos movimentos revolucionários... Aqueles que consideram os judeus uma força conservadora da sociedade devem mudar de opinião."

"A aurora duma época revolucionária", art. no *"Nineteenth Century Magazine"* de janeiro de 1882.

"No mundo maçônico se verifica com pavor a influência que tomaram os judeus."

Von Wedell, *"Vorurtheil oder berechtigter Hass"*, Berlim, 1880.

"A maçonaria é uma imensa associação, cujos raros iniciados, isto é, os verdadeiros chefes, que se não devem confundir com os chefes nominais, vivem em estreita e íntima aliança com os membros militantes do judaísmo, príncipes e imitadores da alta cabala."

Gougenot des Mousseaux, *"Le juif, le judaisme et la judaïsation des peuples chrétiens"*.

"Em Londres, existem duas lojas judaicas, nas quais nunca penetrou um cristão, onde vão ter todos os fios de todos os elementos revolucionários que atuam nas lojas cristãs."

"Historische Politische Blätter", Munich, 1882.

"Conheço um pouco o mundo e sei que em todo esse grande futuro que se está preparando somente quatro ou cinco indivíduos dão cartas. Os outros pensam que dão e se enganam..."

Henry Misy, "Cartas".

"Aliás, o próprio judaísmo é uma maçonaria, tanto pela íntima solidariedade que une seus membros, como pelo cosmopolitismo que os põe fora da idéia de pátria e ainda pelo seu ódio ao cristianismo."

Deschamps, "Des sociétés secrètes".

Capítulo I

O BRASIL E A BAVIERA

Na 55ª sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 16 de janeiro de 1841, quando a benemérita instituição contava apenas três anos de idade, o sócio Dr. Mariz Sarmiento fez uma proposta de estarrecer: "Quais as sociedades secretas que se têm estabelecido no Brasil, e desde quando, ou sejam nele inventadas (?), ou trazidas e imitadas de outros países; os fins do seu Instituto; o seu aumento e estado atual, ou a sua decadência e extinção; que influência hajam tido, e porque meios, na moralidade do povo, nas suas opiniões religiosas e políticas, e nos acontecimentos mais notáveis do país (1)?"

A notável proposta assombrou com certeza a douta assembléia. Ela contém o plano completo duma História Secreta do Brasil. Baseado nela, o Instituto teria trabalho para muitos anos. Mas a proposta foi, como era de esperar, abafada. Por instâncias do autor, figurou na ordem do dia da 63ª sessão, a 19 de maio de 1841. Anunciada a sua discussão, o cônego Januario da Cunha Barbosa, maçom qualificado, companheiro de Ledo e dos outros pedreiros-livres da Independência e da Abdicação, pediu a palavra e propôs que o assunto fosse reservado para ser discutido em tempo mais oportuno, atendendo-se ao fato de ainda existirem pessoas que podiam ser comprometidas com tal discussão (2). O Instituto respirou desafogado, aprovou o requerimento do cônego-maçom e passou a outra matéria menos perigosa. Pôs-se uma pedra em cima da proposta do Dr. Mariz Sarmiento. Nós, que estamos fazendo nos volumes da "História Secreta do Brasil" aquilo que ele desejou fosse obra do próprio Instituto Histórico, não podemos deixar de render homenagem ao corajoso varão que, em 1841, numa época tumultuária, perigosa e dominada pelas maçonarias, teve o desassombro de apresentar de público semelhante proposta.

Além de estudarmos a ação nefanda do judaísmo, que age por trás das sociedades secretas, as fomenta, organiza e dirige (3), estudamos essas sociedades e a sua influência na vida brasileira, como queria o Dr. Mariz Sarmento. Além da maçonaria, que foi objeto de nossos estudos no volume anterior, ligeiramente nos referimos a outra sociedade secreta instituída em São Paulo com a fundação dos cursos jurídicos, a **Burschenschaft** ou simplesmente a BUCHA, que dizem os estudantes e o povo, a qual foi dona da província paulista e senhora dos destinos do Brasil, recorrendo a todos os meios e até ao crime para conservar seu infame poder.

Não seria possível entrarmos na história do tormentoso, ensanguentado e anárquico período da Regência sem antes termos perfeito conhecimento do que foi e do que é a Bucha, porque começou a atuar nele, ainda existe e ainda tem poder. Foi todo-poderosa. Ainda é muito poderosa. O poder das trevas, porém, não nos faz sequer pestanejar. Um homem de bem não tem medo dessas assombrações.

É sabido que, durante a Regência, as sociedades políticas exerciam grande influência sobre o governo que resultara de sua obra no 7 de abril. A chamada Sociedade Defensora, "verdadeiramente governou o Brasil pelo espaço de quatro anos; foi em realidade outro **Estado no Estado**, porque sua influência era a **única** que predominava no gabinete e nas câmaras; e sua ação, mais poderosa do que a do governo, se estendia por todos os ângulos do Império (4)". Por trás dessas sociedades políticas aparentes manobravam as forças ocultas de que elas promanavam e às quais serviam de antenas e de cobertura. Que foi o clube dos Jacobinos, em França, senão a fachada do que não podia aparecer à luz do dia? Que foi o clube 3 de outubro, depois da nossa revolução de 1930? Outra fachada... À Regência não faltou nem mesmo a sociedade de caráter nitidamente militar como esse 3 de outubro. Ela teve a **Sociedade Militar**, fundada logo após a abdicação de D. Pedro I sob o pretexto de defender a classe dos oficiais contra o aviltamento que lhe queriam impor os políticos. Na verdade, a maçonaria atirava civis e militares uns contra os outros. Para aquela sociedade, como para o clube 3 de outubro, entraram também paisanos sob o pretexto de pertencerem às Ordens Militares de Cristo e de Santiago. Outra razão aparente da vida dessas sociedades era a razão maçônica da beneficência. A Bucha também a invoca em relação aos estudantes pobres e socorre alguns para justificar-se.

Na sua proposta ao Instituto Histórico, morta ao nascer, o Dr. Mariz Sarmento fala das sociedades secretas inventadas no Brasil,

trazidas ou imitadas de outros países. As inventadas são, mais ou menos, aquelas academias pernambucanas a que nos referimos no 1º volume (5) e o Apostolado dos Andradas; as trazidas, os vários ritos da maçonaria; as imitadas, as sociedades secretas de estudantes, entre as quais a mais notável é a Bucha.

Ela vem em linha reta do Iluminismo da Baviera. No tempo em que as sociedades secretas se multiplicavam por toda a Alemanha, sobretudo no Sul, com o fim de destruir ali os restos da influência católica através da educação da mocidade, apareceu em Ingolstadt um homem "dotado do gênio da conspiração (6)", o judeu João Adão Weishaupt. Afilhado e protegido do barão de Ickstadt, nobre por decreto e não de sangue, que combatia a religião como reitor da Universidade de Ingolstadt, chegando ao ponto de contrabandear pessoalmente livros ímpios para fornecê-los aos estudantes, Weishaupt conseguiu ser nomeado professor com grande escândalo e inúmeros protestos. Tinha sido educado por favor no Colégio dos Jesuítas, mas se envenenara com o filosofismo reinante na época, tornando-se absolutamente irreligioso. De posse da cadeira, cheio de imensa pretensão, julgando-se genial, vaidoso e inquieto, sedento de proselitismo, o que denuncia às léguas a psicologia judaica, pretendeu entrar na maçonaria, que era a grande força do momento, a fim de subir depressa na vida (7). Dizem que foi repellido.

Todas as universidades protestantes do tempo, sem disciplina espiritual, formadoras de consciências envenenadas pelo livre-exame, possuíam suas sociedades secretas de professores e estudantes. Repellido da maçonaria, Weishaupt resolveu agir por conta própria, ou talvez fôra repellido de caso pensado para melhor efeito da obra que lhe fôra encomendada, e fundou em Ingolstadt a Ordem dos Perfectibilistas ou Ordem dos Iluminados, a 1² de maio de 1776 (8). Era dirigida por um grupo de Doze Areopagitas, que usavam pseudônimos greco-romanos, por trás dos quais atuavam personalidades mais poderosas e mais secretas. Os Doze eram encarregados sobretudo de estudar os caracteres dos estudantes, a fim de ver quais os espertos, os intrigantes, os industriosos, os sem escrúpulos ou os sociáveis, de maneira a atraí-los para a Ordem (9).

Um ano depois, em 1777, estava concluída a organização secreta dos Iluminados, dentro da Universidade Católica de Ingolstadt. Dividia-se em três círculos: Noviços, Minervais e Areopagitas. Além deles, existia a Junta Secreta, ignorada de todos. O juramento obrigava a inviolável segredo e a uma obediência passiva. Muito insinuante, Weishaupt recrutava com "habilidade demoníaca", confessa um histo-

riador de peso, os rapazes desmiolados ou ingênuos, que sonhavam transpor as provas do noviciado para poderem ostentar as insígnias de Minerval: a fita verde de que pendia o medalhão dourado com o mocho ou coruja de Atenas entre louros e as letras P. M. C. V., que significam **Per me coeci vidunt**, por mim os cegos vêem (10).

A Ordem ministrava por intermédio de seu Minerval-Iluminado o ensino superior da filosofia e a educação social anti-clerical. Cada membro era obrigado a ser espião e delator de seus companheiros. Aprendia-se a arte da dissimulação. Roubavam-se das bibliotecas dos conventos livros e documentos preciosos. Espalhavam-se terríveis panfletos contra a Igreja. A perversão levada a efeito no seio da mocidade estudantil era medonha, sobretudo porque Weishaupt e seus acólitos preferiam recrutar neófitos entre os rapazes de 15 a 20 anos, mais fáceis de modelar (11).

A organização do Iluminismo é sobremodo conhecida, porque o próprio Weishaupt deixou escrito o "Sistema corrigido do Iluminismo com seus graus e suas constituições. Instruções para os adeptos inclinados à maneira de crer e adorar um Deus" (12). Entretanto, a doutrina preconiza de todos os modos possíveis a destruição sistemática da religião católica (13). Houve dois Iluminismos na Europa do século XVIII, ambos provindos da mesma fonte dogmática anti-cristã, o da Baviera com Weishaupt e o de França com Saint Martin, sendo o segundo posterior em data de aparecimento ao primeiro (14). Ambos tiveram enorme influência no preparo e desencadeamento da Revolução Francesa. Mirabeau, por exemplo, foi iniciado no Iluminismo alemão e chegou a escrever um "Essai sur les Illuminés"(15). A Revolução Francesa somente se processou depois que o Areópago de Weishaupt decidiu que a França seria **iluminada**, começando-se nela a Grande Obra. Bode, braço direito de Weishaupt, que usava o pseudônimo de Aurelius, foi mandado a Paris, com o capitão hanoveriano barão de Busche, cujo pseudônimo era Bayard, estabelecer as necessárias ligações com os famosos Filaretos ou Amigos Reunidos de que nos ocupamos largamente no capítulo do 1º volume referente à abdição, sendo apresentados por Mirabeau e Bonneville (16).

Em 1780, enfraquecida por falta de recursos monetários e pelas rivalidades internas, a Ordem foi obrigada a se enxertar na maçonaria. Fez-se um acordo entre ambas, criando-se as lojas da Franco-Maçonaria Iluminada e obrigando-se os Iluminados dos altos graus a se iniciarem na maçonaria. Essa combinação começou a vigorar em 1781. As lojas da franco-maçonaria iluminada contavam os seguintes graus: Iluminado-Menor, Iluminado-Maior, Dirigente, Presbítero e

Príncipe ou Regente (17). Seus fins eram: combater o nacionalismo e o espírito de família, destruir o Estado, levar a sociedade a um estado ideal, governado pela moral, sem religião e sem chefes, e tornar a humanidade uma só família (18).

O maçom Knigge fôra o braço direito de Weishaupt na constituição dessa ordem secreta. Em 1784, Weishaupt derrubou-o e esmagou-o, passando a dominar sozinho as lojas iluminadas, cuja força já

Árvore genealógica das maçonarias, das sociedades secretas, tirada do frontispício da célebre obra "Aufklaerung über wichtig Gegenstaende in der Freymaurerey, besonders über die Entstehung derselben", aus der Loge PURITAS, 1787", reproduzido em outra obra não menos célebre, "Religions Begebenheiten", 1787, pg. 62. Essa árvore genealógica foi desenhada por um irmão maçom do Rito de Zinnendorf, que se apresenta como um ramo principal do tronco — a Maçonaria, nascida das raízes Judaísmo, Talmud e Cabala, que o genealogista se esqueceu de assinalar e nós assinalamos. Da maçonaria Inglesa brota o Rito de Zinnendorf. Da Escocesa, a Francesa que decai nas maçonarias Alquímica, mágica e Martinista; a Alemã; a Holandesa; a Sueca; a Templária que fenece nos ramos da Beneficente e da Eclética. De uma semente tombada da grande árvore brota no solo a Rosa-Cruz, da qual sai a antiga maçonaria Russa. Da própria raiz do Judaísmo surge o Iluminismo, cujo derradeiro broto é o Buchismo, a Burschenschaft.



era bem grande na vida social da Alemanha do Sul, influenciando ocultamente os tribunais, a administração e os negócios públicos, A rede de seus adeptos cobria a Baviera (19). O veneno sutil que deitavam às escondidas num copo de vinho ou num manjar afastava de seu caminho os obstáculos humanos (20). Os Iluminados metiam medo. Weishaupt ousou, então, um grande golpe e saiu vencedor: a expulsão dos jesuítas (21).

Em 1786, estava no apogeu de seu poderio. Mas Deus velava pelo destino dos povos. Um raio fulminou num subúrbio de Ratisbona

um dos grandes adeptos da seita, o padre apóstata Lanz, que servia de correio a Weishaupt e acabava de receber suas últimas instruções. A polícia encontrou em seus bolsos documentos tão comprometedores para a segurança do Estado que prendeu os principais membros da Ordem. Estava preparado um movimento subversivo terrorista de inaudita ferocidade para os dias próximos, tão bem planejado e articulado que só mesmo aquela intervenção providencial pelo fogo celeste o teria impedido de rebentar (22). O governo bávaro apoderou-se dos arquivos dos Iluminados e dissolveu-os. Weishaupt, que usava o nome de guerra de Spartacus, correu a refugiar-se na corte de Gotha, sob a proteção do duque Ernesto Luiz. Mas o Iluminismo não foi destruído e se conserva até hoje, secretamente, como um ramo perigoso da maçonaria (23). A Ordem sobrevive em várias organizações, inclusive naquilo que por algum tempo se chamou Aliança Eclética (24). Do Iluminismo nasceram todas as sociedades secretas estudantinas que pulularam na Alemanha, do fim do século XVIII ao começo do século XX: Amictistas, Constantistas, Unitistas, Harmonistas e Concordistas; Cavaleiros de São João de Jerusalém, Cavaleiros do Arcabuz e Cavaleiros do Punhal; Irmãos-Negros, Legião Negra de Lutzow e Legião de Todkopf (25); Tugendbund e Tugendverein (26); Brüderschaft, Landsmannschaft e Burschenchaft (27).

Como se vê, a Burschenchaft nasceu do Iluminismo dissolvido pela polícia bávara (28). Com os mesmos característicos se criou a Burschenchaft ou Bucha, no Brasil. Assim como na Índia fomos buscar as raízes secretas do que ocorreu no amanhecer da vida brasileira, quando do monopólio judaico do pau-brasil, na Baviera, de onde tinha vindo D. Amélia de Leuchtenberg, nossa segunda Imperatriz, temos de procurar as razões fundamentais do que vai ocorrer, depois de certa época, em toda a nossa história. Parece mentira mas é, infelizmente, verdade. Ainda em 1810, a polícia bávara acreditava que os Iluminados existiam e formavam ocultamente um partido muito poderoso (29). Esse partido provinha da mocidade recrutada entre os 15 e os 20 anos nas universidades alemãs e modelada ao sabor dos iniciados que lhe matavam a alma e a tornavam escrava de seus desígnios.

Daí o grosseiro materialismo que campeava no seio da estudantada germânica. Daí suas orgias, bacanais e satanismos consubstanciados naquela tão conhecida lenda do Estudante de Praga, que vendeu a alma, satanismo que transparece sobremodo no "Fausto" de Goethe. O filósofo Fichte confessa ter sido obrigado a mudar-se da cidade de Weimar por causa dos **charivaris** noturnos dos estudantes

sem educação e sem moral (30). Quando abordarmos o capítulo do satanismo na Escola de Direito de São Paulo, teremos ocasião de pintar cenas piores do que aquelas que obrigaram o pensador a mudar-se da velha cidade da Saxônia e veremos que foi o mesmo Iluminismo secreto que no Brasil e na Alemanha produziu idênticos resultados.

Em todas as suas feições e modalidades, a Bucha Paulista se prende ao Iluminismo da Baviera. Quando ela se espraia com o tempo, da Academia de Direito de São Paulo, onde teve o berço, para outras escolas superiores do Brasil, sempre se arreia com nomes alemães. Nas Escolas Politécnicas de São Paulo e do Rio de Janeiro, é a **Landsmannchaft**; na Escola de Direito do Recife, é a **Tugendbund**. Os Iluminados da Baviera eram visceralmente orgulhosos, reconhecem todos os eminentes historiadores que os estudaram. O orgulho e a arrogância subiam de ponto no seio da Burschenchaft alemã (31). **Insolentia judaeorum!**... O visconde de Araxá, Domiciano Leite Ribeiro, nas suas "Reminiscências e Fantasias", faz idêntica observação quanto aos estudantes bucheiros de São Paulo (32). Esse orgulho está na base da pretensão e soberba de certos paulistas, levando-os até o separatismo. Infelizmente, muitos confundem o grande povo paulista, heróico, trabalhador, bravo e nobre com essas expressões humanas duma cultura judaica, vinda da Baviera, que nada tem de brasileira.

O próprio visconde de Araxá é um produto da Bucha. Sob o pretensioso pseudônimo de **Negus o Sábio**, criticava o trono que lhe outorgara o título que usava, ridiculizava condecorações e baronatos, escrevendo coisas deste jaez: "O povo já não acredita na origem divina, fala muito em direitos e o que é pior, usa deles e manda o seu rei tomar o fresco (33)." O fraseado revela as doutrinas maçônicas. Se o autor estivesse mais em dia com os doutores da Igreja, Santo Agostinho, Santo Isidoro de Sevilha e Santo Tomás de Aquino, não diria essa asneira em matéria de direito divino. Na boa doutrina, a origem do poder é divina, porque o poder é uma necessidade natural e Deus foi o criador de todas as necessidades naturais. O soberano que exerce o poder é um simples mandatário, que, em si, nada tem de divino.

Todavia, devemos ao visconde de Araxá esta página sobre o **orgulho bucheiro**: "O estudante é um ente superior, olhando por cima dos ombros o resto da humanidade, encarando de frente e sem pestanejar as mais ardentes questões, quer políticas, quer sociais. Em política, já se sabe, é republicano intransigível. Em matéria de cultos,

admite, por muito favor, a religião natural, favor este que nem todos estão dispostos a conceder, porquanto para alguns a própria religião natural não passa de superstição. Enforcar o último rei nas tripas do último frade ou padre, é um axioma que, se não foi inventado por estudante, pelo menos recebeu carta de naturalização em todas as academias do mundo (34)."

De estudantes dessa espécie naturalmente haveriam de sair os bacharéis vazios, pretensiosos, materialistas, frios e céticos que envenenaram a política brasileira e que, com a queda de D. Pedro II, que lhes barrava a estrada do poder, exploraram o Exército para com ele assaltar o governo e, de posse do mesmo, atolar o país no charco da politicagem liberal, entregando-o de vez a todos os abutres do judaísmo internacional. Estudamos no 1^o volume desta "História Secreta" (35) como esse bacharelismo judaizado tomou a pouco e pouco conta do Brasil. Vimos os seus processos desde que sua semente foi lançada na Academia paulista. Entretanto, é ele que combate qualquer doutrina sócio-política que consulte as realidades da nação e não o seu interesse, com sua parlapatice oca, rotulando-a de **exotismo**. Esquece suas raízes mergulhadas na Baviera...

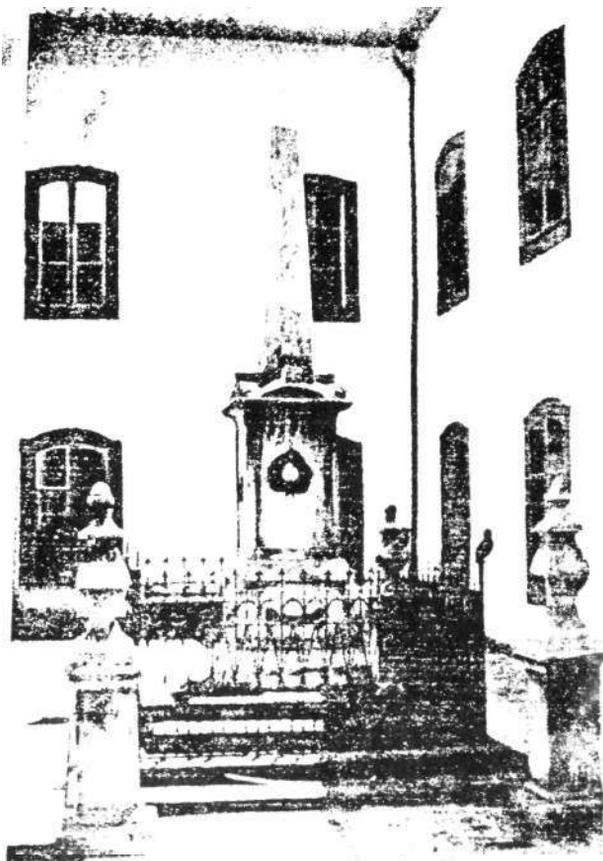
Não esquece, todavia, a sua força. Confessa-a, às vezes, embuçadamente, mas com orgulho. Falando da plutocracia paulista e suas relações com a política, o sr. Armando Sales Moretzohn de Oliveira, ex-presidente do Estado de São Paulo e candidato à presidência da República, declarou em discurso, no banquete que lhe foi oferecido a 24 de janeiro de 1937, publicado pelo "Jornal do Comércio" de 25: "Essa preponderância cabe a FORÇAS NOVAS E INVENCÍVEIS, cuja existência nem todos conhecem (sic!!!)." Salvador Madariaga explica em seu livro "Anarchie et hierarchie" como essas forças agem sobre os poderes públicos. Estudaremos a ação das de São Paulo, quando chegarmos ao período republicano e tivermos de contar ao povo brasileiro as infames maroteiras do café.

O Iluminismo bucheiro, vindo da Baviera, estendeu-se de São Paulo para a Academia de Olinda e para outros estabelecimentos superiores de ensino. A Burschenschaft paulista foi inteiramente modelada segundo os estatutos de sua congênere alemã do mesmo nome, formando suas idéias primordiais "UM NOVO EVANGELHO DO ILUMINISMO" (36). Esse novo Evangelho se afirma anti-monárquico desde os primeiros dias de vida da Faculdade paulista, não só nos estudantes, como o notou o visconde de Araxá, como nos professores que os guiavam e cujo espírito neles se refletia. A 12 de outubro de 1830, quando se devia comemorar o aniversário do Imperador com

uma sessão solene e discurso, sob os mais diversos e fúteis pretextos, os lentes se excusaram. Alguns mesmo com certo desabrimento (37). Afirma-se anti-católico, anti-clerical, em obediência à unidade de pensamento da revolução mundial perseguida pelo judaísmo maçônico (38). O conselheiro Clemente Falcão de Souza, alcunhado Falcão o Velho, por exemplo, nomeado lente em 1830, era um pernambucano enciclopedista e anti-clerical, que cursara a Universidade de Paris, fazia terrível campanha contra os padres, declarando-os instigadores de todos os crimes e, nas suas aulas, entre outras blasfêmias, só chamava a Nosso Senhor Jesus Cristo — "o Deus surrado"! (39)

De 1830 a 1837, a Bucha e a maçonaria, de mãos dadas, agitaram a questão do celibato dos padres, tomando a frente do movimento os sacerdotes maçons Antonio Maia de Moura, Diogo Antônio Feijó e Amaral Gurgel. Os dois primeiros estavam despeitados com a Santa Sé, porque S. S. o Papa recusara — e tinha sobejas razões para isso — a nomeação de Feijó para bispo de Mariana e a de Moura para bispo do Rio de Janeiro. O último chegava ao ponto de querer a formação dum episcopado brasileiro independente de Roma. Em 1834, o núncio apostólico Scipione Fabbrini reclamava contra a declaração da Assembléia Provincial de São Paulo, incentivada pela Bucha, sobre os mesmos direitos que competiam ao Estado, em face da Santa Sé, de nomear bispos e permitir o casamento dos padres. O ministro Aureliano Coutinho respondeu ao núncio que o celibato eclesiástico era uma questão de disciplina que os governos podiam alterar. Essa resposta foi inspirada por Feijó e concluía por dizer que o governo se entenderia a respeito com a Câmara. Daí tensíssimas relações entre a Regência e o Vaticano (40).

Os próprios brasileiros que estudavam fora do país vinham, em geral, iniciados em outros iluminismos e mistérios que proliferavam nas universidades européias. Aqui se identificavam com os maçons e bucheiros na mesma ideologia revolucionária que conduziria a nação à borda do abismo, sem que eles talvez, na inconsciência com que abraçavam as utopias e sortilégios judaicos, disso se dessem conta. Francisco Gé Acaiaba de Montezuma pertenceu em Coimbra, com outros brasileiros, à famosa **Jardineira** (41). Ao tempo da Regência, havia ainda em Coimbra "uma sociedade secreta, intitulada **Gruta**, composta **exclusivamente** de brasileiros, que tinha por fim, ao regressarem ao Brasil, promover a proclamação da república, contando entre seus membros Cândido Batista de Oliveira, José Araújo Ribeiro, Antônio Rodrigues Fernandes Braga e outras personalidades, que, depois do ato de 7 de abril, tanto influíram sobre os destinos nacionais.



O túmulo de Júlio Frank no pátio da antiga Faculdade de Direito de São Paulo. Vê-se bem uma das corujas simbólicas a um canto do gradil.

Capítulo II

O HOMEM QUE TEVE DOIS TÚMULOS

Quem trouxe a mensagem dos Iluminados da Baviera para o nosso país? Quem criou a Burschenschaft de São Paulo, que inficionou até hoje, secretamente, a vida da nação, perturbando a realização de seu verdadeiro destino?

Um homem misterioso, que não era nada e foi tudo para os adeptos de seu credo oculto: Júlio Frank, cujo monumento funerário se encontra num dos pátios da velha Faculdade de Direito de São Paulo, honra que nenhum de seus grandes mestres até hoje conseguiu.

Quando morreu, em 1841, o maçom e bucheiro, professor daquela escola, Dr. José Tomás Pinto de Cerqueira, fazendo no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o elogio dos membros falecidos, pronunciou estas palavras: "Mancebo morto na flor dos anos, mas cuja breve passagem neste mundo deixou para sempre recordações saudosas: quero falar do sr. Júlio Frank. Quem era ele? Eu e os que no Brasil o conhecemos o ignoramos (!!!). Era esse o seu verdadeiro nome? Cuidamos que não. Que terra o viu nascer? Parece que a Alemanha, mas não se sabe que parte dessa vasta região. A que família pertencia? Ignora-se. Que motivos o trouxeram ao Brasil? Ainda a mesma obscuridade. Sabemos apenas que chegou ao Rio de Janeiro sem o mais pequeno recurso; e que o primeiro carinho, que recebeu nesta terra hospitaleira, foi uma ordem de prisão, e sua primeira morada a fortaleza da Lage; e isto por uma queixa que dele deu o comandante do navio que o havia conduzido. Também Epicteto encontrou um senhor que lhe quebrou as pernas. Tendo obtido sua soltura, foi servir numa estalagem. Quem diria, senhores, ao ver esse mancebo reduzido a tal penúria que nele se escondia um homem do mais raro merecimento! que conhecia a fundo as línguas vivas da Europa, e mesmo a latina e grega; que era hábil geômetra, que não era hóspede nos princípios do direito público e nos do romano, e que

tinha perfeito conhecimento da história antiga e moderna? Pois tudo isso era, e o homem que tudo isso sabia era caixeiro em uma estalagem! Tal homem não podia conservar-se muito tempo em tal posição: quando outra coisa não fosse, a elevação natural de seu gênio e a consciência de seu valimento não o podiam ter por muito tempo em tão baixo estado. O sr. Júlio Frank retirou-se para a província de São Paulo, vila de Sorocaba, onde abriu aula de francês, inglês, italiano e latim. Pequeno teatro era aquele para seus conhecimentos. Logo depois foi chamado para a cadeira de história na cidade de São Paulo, e deu começo a seus trabalhos, organizando um compêndio sobre outro alemão, o qual prova bastantemente o que sobre seu merecimento tenho dito. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro se apressou em o admitir (?) em o número de seus sócios correspondentes, esperando que quem tantas luzes possuiu o coadjuvasse valiosamente em seus importantes trabalhos. Mas a morte nô-lo arrebatou, quando ainda não contava 34 anos de idade (1)."

As luzes não eram tantas quantas apregoa o panegirista. Lemos cuidadosamente o seu volume, decalcado ou traduzido de outro alemão, que não é indicado (2). Obra medíocre, deu, contudo, entrada ao autor no glorioso Instituto, fundado em 1839. Uma série de lugares comuns, tendo, de quando a quando, apesar da disposição legal que obrigava os livros didáticos a não ofender os princípios básicos da sociedade, certos pedacinhos que uma censura avisada poderia suprimir com carradas de razão. À pg. 149, refere-se à Humanidade Divinizada na capital do cristianismo e nem de leve alude às perseguições e martírios dos cristãos. À pg. 162, denigra o Imperador Constantino e diz que o cristianismo foi somente um meio político de domínio. A pg. 163, elogia Juliano o Apóstata, embora, **pro formula**, condene o **erro político** de haver abandonado a religião. Às pgs. 170 e 186, detrata os padres e o catolicismo. À pg. 187, mal se refere ao Corpus Juris, como quem pensa com o judeu Caim Buckeburg, vulgo Henri Heine, que é a Bíblia de Satanás. À pg. 188, diz que o maometismo foi benéfico para os cristãos que resvalavam para a idolatria. À pg. 191, afirma que o cristianismo foi um meio de política aplicado por Carlos Magno. Afinal, esses levedos judaicos vêm em mau estilo e péssima língua.

Maior do que as gabadas luzes do enigmático personagem era o mistério que o envolvia e que mereceu tantas interrogações na oração fúnebre pronunciada pelo adepto Cerqueira. Quem era? De onde vinha? Qual o seu nome e a sua família?

Vamos aclarar esse mistério com abundante documentação.

No seu "Dicionário Bibliográfico Brasileiro" (3), Sacramento Blake depõe: "Júlio Frank. Natural da Alemanha e nascido no ano de 1811, faleceu em São Paulo a 19 de junho de 1841, com 30 anos incompletos (4), depois de naturalizar-se brasileiro, guardando até o túmulo certo mistério quanto à sua família, sua posição social e até quanto à sua verdadeira pátria, e verdadeiro nome que se supõem não serem os designados. O que é certo é que chegou ao Rio de Janeiro sem que alguém o conhecesse, paupérrimo, sendo logo preso na fortaleza da Lage, por queixa, ou coisa semelhante, do comandante do navio que o trouxe, e, sendo solto, foi caixeiro numa estalagem. Entretanto, conhecia perfeitamente as línguas vivas da Europa, inclusive a latina e a grega, era hábil geômetra e metafísico (?), tinha profundos conhecimentos de história antiga e moderna, e alguns do direito público e do direito romano. Deixando a estalagem, foi para São Paulo e na vila de Sorocaba abriu uma aula de francês, de inglês, italiano e latim. Já vantajosamente conhecido, foi convidado para exercer na capital o lugar do professor da cadeira de história anexa à Faculdade de Direito, para a qual escreveu o compêndio que passo a mencionar..."

Sacramento Blake ou copiou o que disse Cerqueira, **mutatis mutandis**, ou se abeberou na mesma fonte que o orador do Instituto. Afirmou mais uma vez o mistério que deve ser definitivamente desvendado.

Em março ou abriu de 1821, o capitão dum navio chegado da Europa à Guanabara entregou às autoridades policiais um rapaz que embarcara furtivamente num porto alemão, passageiro clandestino, como se diz hoje, o qual deu o nome de Júlio Frank, nada explicou sobre a sua pessoa e foi recolhido à fortaleza da Lage, enquanto talvez se procediam a indagações. Consultamos na Biblioteca Nacional a coleção da "Gazeta do Rio de Janeiro" do ano de 1821 e verificamos que nenhum navio alemão chegou ao Rio em abril. Em março, porém, entraram dois: no dia 13, a galera "Charlota" do capitão João Walff, carregada de vidros e fazendas, vinda de Hamburgo com cento e quinze dias de viagem; no dia 17, o brigue "Indianer" do mestre **judeu** Berend Meyer, vindo de Bremen com noventa dias...

Como a polícia nada apurasse sobre essa figura cheia de mistério", como a qualifica Spencer Vampré, puseram-na em liberdade. Naturalmente, para ganhar a vida se sujeitou ao primeiro emprego que lhe apareceu, o de caixeiro numa estalagem. Em 1823, passou-se para Ipanema e daí para Sorocaba, onde se fez professor de línguas. Naquele tempo, não precisava ser muito profundo em tais matérias

para lecioná-las no interior destes Brasis. À provável proteção do senador Nicolau de Campos Vergueiro, manda-chuva em Sorocaba e grande maçom, que o recomendou ao brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, deveu ter sido nomeado professor de filosofia e história universal do Curso Anexo da recente Faculdade de Direito, com a qual de tal maneira **se identificou** que o "seu túmulo demora no claustro mais íntimo da Faculdade, como a sua memória dorme, num nimbo de glória (5), no recesso mais íntimo do coração dos moços", sendo o seu nome "o mais altamente querido e respeitado às gerações que passam (6)".

O moço misterioso vinha da Alemanha e a Alemanha se enchia naquele começo do século de sociedades secretas que proliferavam sobretudo nos meios universitários. O que elas faziam está pintado neste trecho do grande escritor que as combateu, Augusto de Kotzebue: "A liberdade acadêmica consiste sobretudo em permitir aos moços viver na orgia, se endividando, não freqüentando as aulas senão segundo seus caprichos, vestindo-se como malucos e surrando os burgueses. Os pais de família sensatos deviam tremer no momento de enviar seus filhos à universidade, quando ouvem o relato de tais façanhas nas cervejarias e nas sociedades de ginástica. Antes do que deixá-los pensar que a pátria os espera para se regenerar, melhor fôra ensinar-lhes os rudimentos do que ignoram e a polidez de que não têm a menor idéia (7)".

Essas sociedades — vira-se no processo contra os Iluminados — já se tinham estendido à Itália, especialmente Veneza, à Áustria, à Holanda, à Saxônia, ao Reno, sobretudo ao ninho judaico de Frankfurt, e até mesmo à América (8).

Augusto Frederico Fernando de Kotzebue, nascido em Weimar em 1761, era um dos grandes homens de espírito que puseram, na Europa aquecida pelas brasas revolucionárias espalhadas por Napoleão, sua vida e sua pena a serviço da causa da Ordem contra a Anarquia, fomentada da sombra, em todos os setores, pelo judaísmo acobertado nas sociedades secretas. Autor de mais de 300 peças teatrais, na maioria representadas com grande êxito, e de muitos romances, fizera na Rússia parte de sua carreira de advogado. Fôra secretário do governador de São Petersburgo, presidente de tribunal na Estônia, diretor do Teatro Alemão da capital e Conselheiro Áulico. O barão de Bajor recomendara-o em testamento à Imperatriz Catarina II. O Czar Alexandre I tornara-se seu amigo.

Em 1813, começou na Alemanha, por conta do Czar, que era a grande muralha em que esbarravam judeus e maçons, a campanha

de imprensa, que o celebrizaria, contra "as idéias democráticas que os soldados republicanos do Grande Exército tinham trazido nas suas patronas". Cônsul Geral da Rússia em Koenigsberg, trazia o soberano russo ao par do estado dos espíritos. Pedreiros-livres e israelitas vingavam-se, caluniando-o, infamando-o, isolando-o, sepultando-o no silêncio, enquanto faziam retumbar a fama de Goethe e Schiller, sobretudo do primeiro, que se filiara às sociedades secretas e estudava as ciências ocultas, os quais tinham sido companheiros de infância de Kotzebue (9).

"Em 1818, fundara a 'Semana Literária', na qual redigia as notícias políticas que o Imperador Alexandre devia ler. Nessa época, a agitação política na Alemanha era muito forte. Após o desabamento do Santo Império, os pequenos principados que o compunham se haviam reunido sob o nome de Confederação Germânica, regidos por uma Dieta que se reunia em Frankfurt. Mas eram ainda governados por seus antigos príncipes, que compunham a Dieta. Os povos censuravam violentamente esses pequenos soberanos por terem faltado às promessas de liberdade que lhes haviam feito para levá-los à guerra contra Napoleão, sob o pretexto de libertar a pátria alemã, porém na realidade com o fim de preservar a Renânia da propaganda revolucionária que vinha de França.

Censuravam-nos especialmente por não terem concedido a seus súditos a liberdade de imprensa e o direito de votar impostos, como lhes fôra solenemente prometido.

À frente do movimento reformista, os estudantes das universidades do Norte da Alemanha (10) reclamavam os privilégios que lhes haviam sido prometidos quando se alistaram no exército de defesa nacional. Para unir seus esforços, se tinham agrupado em diversas associações que substituíam as antigas corporações escolares (11). Desde a queda de Napoleão, a poderosa Tugendbund se aletargara sem nunca mais poder curar-se de todo do golpe que recebera em 1809, quando o Corso, dono da Alemanha, ordenara sua dissolução. Mas se refundira em três sociedades que se chamaram Teutônia, Burschenchaft e Landsmannchaft (12). A Burschenchaft era sobretudo composta pelos antigos combatentes das guerras contra Napoleão, que haviam retomado seus estudos, em 1815, na universidade. Compreendia mais ou menos 10 mil membros espalhados particularmente nas cidades renanas. A Landsmannchaft era antes composta de moços do campo, mais pacíficos e de idéias menos avançadas. Por isso, algumas vezes as duas tinham entrado em conflito (13)".

Nos seus artigos da "Semana Literária", Kotzebue atacou tanto as doutrinas novas como os escritores que as defendiam. Atacou ainda, com maior veemência, as universidades, o desregramento dos estudantes e suas sociedades secretas. Maurício Soulié e H. Mueller chamam a isso, textualmente, "obra de ódio". Contudo, linhas depois, declaram que o que escreveu contra o sistema das universidades era "mais do que justo" (14).

Judeus, maçons, liberais, estudantes votaram a Kotzebue um ódio de morte. "Arranjara tantos inimigos que sua estada na Alemanha se tornara difícil" (15). O valor dum homem de luta se mede justamente pelo número de seus inimigos. O de Kotzebue era imenso. O próprio Goethe escrevia, anunciando-lhe a morte: "É um fenômeno estranho manifestar-se um ódio tal contra Kotzebue, o qual na verdade se descobre em face de seus inimigos: escritores, burgueses e estudantes. **Todos se ligam contra o inimigo comum** (16). Recordam todos os seus esforços para prejudicar à Universidade de Iena. Infelizmente, essas coisas são verdadeiras e elas nos inimizaram. Sua residência em Weimar pode trazer-lhe conseqüências deploráveis. A gente é obrigada a pensar que isso acabará mal. Como? Desgraçadamente, já o pressentimos" (17).

A coisa acabou mal, como Goethe **adivinhara**. Kotzebue compreendeu também o perigo a que se expunha. Mudou-se de Weimar para Mannheim, no Grão Ducado de Baden, onde foi assassinado, no dia 10 de maio de 1819, pelo jovem estudante Carlos Luiz Sand, natural de Wunsiedel, na Francônia, em alemão Frank-Wald (18), sorteado em sessão da Burschenschaft para esse efeito e que confessou ter executado o crime conforme as determinações da seita (19).

Abstraindo-se de toda e qualquer romanceação em torno do crime, o que os documentos do processo comprovam é a premeditação a mais completa, aliada à mais vil covardia. O rapaz partiu de Iena, em diligência, no dia 9 de maio dormiu em Frankfurt e no dia 10 chegou a Mannheim, apresentando-se logo em casa de Kotzebue, que não recebia pessoa alguma antes de meio-dia. Voltou ao albergue, onde se hospedara, conversou com várias pessoas, falou animadamente contra Kotzebue e tornou à casa do escritor. Apresentou uma carta de recomendação que falsificara, dizem uns que dum amigo da vítima e outros que da própria mãe dela.

"Kotzebue pediu ao rapaz que o esperasse numa saleta do andar térreo. Um momento depois, deixando a esposa e uma senhora que viera visitá-la, desceu a escada. Mais uns instantes e ouviu-se um grito, seguido dum rumor de luta. Todos correm e dão com Kotzebue

caído sob o assassino que o crivava de golpes. Um dos meninos que chegava exclamou:

— Vejam, papai brincando de guerra!

Aí Sand correu para a porta, ganhou a rua e ajoelhou-se, bradando:

— Viva a pátria alemã! O traidor jaz morto! Pereçam assim todos quantos o imitem! Graças, meu Deus, por me terdes permitido realizar tão bela ação!

Em seguida abrindo as vestes, enterrou o punhal no peito. Levaram-no ensangüentado e desmaiado para a cadeia. A busca efetuada em sua residência, em lena, descobriu uma espécie de memorandum em que contava como pretendia matar Kotzebue. Durante vários dias, exercitara-se, enterrando um punhal num boneco de palha, que tinha o lugar do coração marcado por um pedaço de lã vermelha. Achou-se uma carta dirigida à sua mãe, na qual dizia:

"Esse homem precisa morrer e a mim cabe matá-lo!"

Em outra, pedia demissão de membro da Burschenschaft, a fim de não comprometer nenhum de seus companheiros.

Todavia, espalhara-se o boato de que também fôra encontrada uma lista rubra, na qual o nome de Kotzebue era somente o primeiro dos que deviam ser assassinados. Várias pessoas do partido conservador fugiram, apavoradas, da Alemanha (20)".

Sand escapou com vida ao ferimento que se fizera e foi julgado em Mannheim, a 10 de novembro de 1819, numa atmosfera de terror criada pelas sociedades secretas. O tribunal teve de funcionar a portas fechadas, com receio das manifestações da multidão ululante que se adensava nos arredores e que os poderes ocultos incitavam. O assassino confessou o crime, gabou-se de tê-lo cometido e negou ter qualquer cúmplice. Foi condenado à morte mas adiou-se **sine die** a execução da sentença, "porque se esperava que morresse antes dos ferimentos", desculpa um tanto forçada.

"Mas o Imperador da Rússia enviou ao Grão Duque de Baden um ultimato, protestando contra a demora do castigo. Marcou-se a data de 20 de maio de 1820 (21). O sentimento alemão era tão fortemente simpático ao jovem mártir (?) que o carrasco de Mannheim se recusou a efetuar a execução. Foi preciso recorrer ao de Heidelberg, que somente assentiu em se prestar ao trabalho depois que Sand lhe prometeu, em nome de seus camaradas estudantes, que nenhum mal lhe seria feito em represália (22).

A execução fôra anunciada para as nove horas da manhã. A fim de enganar a multidão, foi feita (?) às seis horas justas num Prado às

portas de Mannheim, diante das personagens oficiais e de alguns operários madrugadores que iam trabalhar. Sand, conduzido num carro fechado, acompanhado por um pastor, morreu com a mais nobre simplicidade (?). Uma hora depois, a notícia de sua execução se espalhou pela cidade e o prado estava coberto por muita gente que colhia as ervas tingidas pelo sangue do mártir (23). Aquele campo ficou longo tempo conhecido como o **Sandhimmelweg** (24), isto é, o caminho de Sand para o céu.

Dizem que sua mãe recebeu 40 mil cartas dos admiradores de seu filho. Durante um ano inteiro, seus camaradas de universidade conservaram o luto, vestindo-se do mesmo modo que ele se vestia no dia em que matou Kotzebue. Foi enterrado no cemitério de Mannheim, ao lado de sua vítima. Sobre seu túmulo estão gravadas as palavras: HONRA E PÁTRIA (25)".

Ora, vê-se claramente do que aí fica narrado por um autor parcial, que forma ao lado do criminoso, que o governo de Baden somente se decidiu a agir forçado pela pressão do Czar. Receando a vingança das sociedades secretas, recorreu ao subterfúgio dessa execução fingida e com hora trocada, a qual não pode enganar a ninguém. Enterrou-se qualquer cadáver ou qualquer boneco sob a lousa da HONRA e da PÁTRIA, e deu-se escápula ao **mártir** protegido pela Burschenschaft, que prestara ao judaísmo maçônico o maravilhoso serviço de desembaraçá-lo dum inimigo do calibre de Kotzebue...

Isto foi em maio de 1820. Naquele tempo, as viagens por terra eram lentas e as por mar, às vezes, ainda mais lentas, dependendo dos ventos. Não era raro levar-se um semestre da Europa até aqui. Em março ou abril de 1821, desembarcou no Rio, vindo clandestinamente num barco mercante, o jovem Júlio Frank, sem nome, sem família, sem pátria, "figura cheia de mistério", como diz **inocentemente** Spencer Vampré. Carlos Luiz Sand era natural de Wunsiedel, no Frank-Wald. A gente quando muda de nome, em geral procura instintivamente outro nome que tenha qualquer relação consigo. Demais, Jacob Frank chamava-se outro personagem misterioso, quase contemporâneo de Sand, o chefe dos judeus **frankistas** ou **zoharistas**, nascido na Polônia em 1720, cabalista terrível, autor do "Zohar", que fingiu converter-se ao cristianismo para miná-lo, que recebia de seus adeptos somas enormes com as quais levava vida luxuosíssima na Europa central e que morreu dum ataque de apoplexia em Hesse, no ano de 1791. Para seus seguidores, o "Zohar" é a única explicação cabalista da Lei de lavé (26). E, ainda, segundo o costume judaico de trocar os nomes, conservando as iniciais, J. F. correspondem a Júlio Frank e a Jacob Frank.



Retrato a óleo de Júlio Frank, inaugurado após sua morte pelos seus discípulos na sala em que lecionava na Faculdade de Direito de São Paulo.



Aspecto de um recinto de sessões da Burschenschaft



Símbolos usados pela Burschenschaft.

É fato averiguado e assentado, desde o memento de Cerqueira no Instituto Histórico, que esse não era o verdadeiro nome do misterioso indivíduo. Ainda em 1867, o viajante Tschudi se fazia eco dessa opinião geral e definitiva, denominando os nomes de Júlio Frank de **pseudônimos** (27). O turista teutônico viu o túmulo da "figura cheia de mistério" no pequeno pátio quadrado e claustal da velha Faculdade, e declara que não foi sepultado em sagrado por ser protestante, tendo os estudantes lhe erigido aquele monumento em forma de obelisco e inaugurado seu retrato na sala de aulas. Segundo o que lhe haviam informado, trouxera para a Escola de Direito o **saber alemão**. Não; o que, em verdade, trouxera fôra uma organização secreta judaica, cujos fins e cujos resultados veremos a pouco e pouco.

Segundo Soulié e Mueller (28), Carlos Luiz Sand nasceu em 1795. Foi uma criança doente e nervosa. Adolescente, era "dócil, solitário, estudioso e ordinariamente mergulhado numa espécie de apatia, da qual saía para a prática de atos violentos e generosos (29)". Magnífica presa para o satânico misticismo das sociedades secretas. Tipo exato do místico capaz de ir até o crime. A figura de Gorguloff, assassino do Presidente Paul Doumer, apresenta com ele esses mesmos pontos de contato (30). São como que os sonâmbulos sobre que atua o hipnotismo das forças ocultas. Voluntário contra Napoleão, Sand combateu em Waterloo e esteve em França até 1816 com o exército de ocupação. Voltou para a Universidade de Erlangen, da qual era estudante, filiando-se com exaltação a Burschenchaft. "Começou, então, a fazer um diário de seus pensamentos, o qual denota um misticismo incoerente de primário e a convicção inquietante de que Deus o designara para salvador da pátria alemã (31)".

Contou-nos um antigo bucheiro que se liam nas reuniões da Bucha uns cadernos em que Júlio Frank contava suas campanhas contra Napoleão. O depoimento é importante.

Se está certa a data de Soulié e Mueller, 1795, quando cometeu o crime, em 1819, tinha 24 anos. Já não era uma criança. Com o nome de Júlio Frank, chegou ao Brasil em 1821. Contava 26 anos. Quando morreu, em 1841, estava, pois, com 46 anos. Os que sobre ele escreveram fazem-no mais moço, porém que disparidade nas idades que lhe dão? Cerqueira dá-lhe, na oração fúnebre do Instituto Histórico, 34 anos incompletos. Sacramento Blake atribue-lhe no seu "Dicionário" 30 anos incompletos. Tschudi registra 32.

Se Júlio Frank tivesse somente 30, 32 ou 34 anos, quando faleceu, em 1841, teria desembarcado no Rio de Janeiro, em 1821, com 10, 12 ou 14 anos, o que é inadmissível e demonstra que essas

idades são dadas para **despistar** quanto à verdadeira identidade da "figura cheia de mistério". Considerando-o como Carlos Luiz Sand, nascido em 1795, vemo-lo desembarcar com 26 anos, idade em que já podia ter adquirido a soma de conhecimentos com que o ornamento. Dos 10 aos 14 era impossível possuí-los, salvo se fosse, ao invés duma "figura cheia de mistério", uma criança prodígio.

Por que motivo Júlio Frank deixou rapidamente o Rio de Janeiro e foi parar em Ipanema e, depois, em Sorocaba?

Augusto de Kotzebue, que assassinara quando se chamava Carlos Luiz Sand, deixara vários filhos que foram homens ilustres: Oto, nascido em Reval, em 1787, o mais velho, oficial da Marinha Russa, grande navegador; Maurício general russo, nascido em 1789 e morto em 1861; Paulo, nascido em Berlim, em 1801, general russo, falecido em 1884, após ter feito com brilho as campanhas da Polônia, do Cáucaso e da Criméia, e governado a Polônia e a Bessarabia; Alexandre, pintor de batalhas, e Guilherme, diplomata e dramaturgo.

Justamente em 1823, Oto de Kotzebue surge de súbito no Rio de Janeiro. Comandava a fragata russa "Enterprise", destinada a descobrimentos e explorações nos mares austrais. No dia 13 de novembro do ano citado, ancorou à vista da barra devido à calmaria. Entrou na Guanabara no dia 14. Oto de Kotzebue demorou 25 dias no Rio, residindo em Botafogo, na casa dum amigo e deixando, na obra que escreveu sobre a viagem, boas descrições da nossa capital, naquele tempo. Foi para bordo na tarde de 9 de dezembro e fez-se de vela no dia 10, saindo à barra já ao anoitecer (32).

A coincidência é sobremaneira curiosa. Chega o navegador russo inesperadamente e quem sabe se com algum fito de que guardou reserva, demora e começa a visitar a cidade, então pequena e atrasada; logo, o jovem passageiro clandestino e suspeito põe o pé no mundo, afundando no interior, onde chega, como veremos adiante, em petição de miséria. Que tinha o moço Júlio Frank a ver com Oto de Kotzebue, para fugir dele como o diabo da Cruz? Evidentemente não devia ter nada. Mas é muito explicável que Carlos Luiz Sand não desejasse de forma alguma encontrar-se com o filho do homem que covardemente apunhalara.

Durante longos anos, não se falou em Bucha no nosso país. Raríssimas pessoas desconfiavam da existência duma organização secreta e poderosíssima em São Paulo ou sabiam alguma coisa a esse respeito. O túmulo de Júlio Frank nem despertava a atenção. A revolução de 1930 acordou as curiosidades. Apareceram boletins e artigos tocando no mistério e, em 1935, um jornalista carioca escreveu

o seguinte: "No saguão do antigo edifício da Faculdade de Direito de São Paulo, existe um único túmulo, que é o do judeu **(sic!)** alemão, professor contratado de história, organizador da Burschenschaft no Brasil. Durante a revolução de 1930, esse túmulo foi misteriosamente violado, ao que dizem, para retirarem de lá os primitivos estatutos e atas de organização, a fim de que tais documentos ultra-secretos escapassem ao conhecimento do público (33)".

Não parece verdade que o túmulo tenha sido violado, mas é verdade que sobre ele paira o mistério. Dizem que há documentos preciosos guardados na sua base. De fato, é conservado com extremo carinho. Ainda quando da recente derrubada do velho convento onde funcionava a Faculdade desde sua fundação, foi todo protegido por uma armação de madeira e mantido no mesmo local. Ele copia nas suas linhas gerais outro monumento misterioso de São Paulo, a Pirâmide do Piques, que data de 1814, anterior à Bucha e situado em frente ao local onde outrora funcionou a loja maçônica mais influente nos destinos paulistas. Muitas vezes, nos momentos de perturbação da ordem pública, aquela pirâmide tem sido guardada até por metralhadoras, como se sob suas pedras centenárias dormisse um segredo perigoso...

O mistério que envolveu a vida de Júlio Frank ou Carlos Luiz Sand acompanha-o além da morte, assegura o iluminado sr. Spencer Vampré (34). E prossegue: "Até o túmulo, guardou segredo quanto à sua família, posição social, e até quanto à pátria, presumindo-se que também trocara de nome (**sic!**). Porventura desgostos íntimos ou ainda lutas políticas (?) o determinaram a deixar o torrão natal. O certo é que chegou ao Rio de Janeiro paupérrimo, sem que ninguém o conhecesse, sendo logo preso na fortaleza da Lage, por queixa, ou coisa semelhante, do comandante do navio, que o trouxe, quiçá por haver embarcado furtivamente. Solto, veio para Sorocaba empregando-se como caixeiro numa venda. Segundo outra versão, abriu ali uma aula de francês, inglês, italiano e latim. De Sorocaba veio para São Paulo, recomendado ao brigadeiro Rafael Tobias, e entrou para o Curso Anexo. De extrema bondade, cheio de idealismo, conquistou para sempre **(sic!)** a mais terna afeição da mocidade, e por isso o seu nome se venera ainda na Academia, como o maior e o mais devotado amigo dos estudantes. Não chegou a cumprir inteiramente o contrato de dez anos, pois faleceu aos 19 de junho de 1841, sendo substituído, na cadeira de história universal, por seu discípulo, e amigo, Antônio Joaquim Ribas.

O túmulo de Júlio Frank é um modesto catafalco sobre plataforma quadrilátera, à qual dão acesso alguns degraus, encimado por um obelisco de cerca de quatro metros. Todo o monumento, de cantaria, está amparado por gradil de ferro, preso, nos ângulos, a quatro pilastras adornadas por mochos simbólicos (35). Fica situado exatamente em frente à sala, hoje modificada, em que lecionava. Numa das faces do pedestal, há o seguinte epitáfio:

HIC JACET JULIUS FRANK
IN HAC PAULOPOL. ACADEM. PUBL. PROF.
NATUS GOTHAE. ANN. MDCCCIX
OBIIT XIX JUNII ANN. MDCCXLI
AETATE SUAE XXXII

O monumento foi feito a expensas de **alguns acadêmicos** (36), que também mandaram pintar-lhe o retrato a óleo, — hoje na sala de leitura da Biblioteca. Inumou-se dentro da Academia, por ser protestante, pois o enterramento nas igrejas, único então conhecido para as pessoas gradadas, só se realizava nos templos (37)".

A data do nascimento atribuída ao morto é uma inverdade manifesta. Se ele tivesse nascido em 1809, teria desembarcado no Rio, em 1821, com 12 anos e estaria, em 1823, com 14, dando lições até de latim em Sorocaba, o que não entra na cabeça de ninguém. Todos os autores confessam o mistério de sua procedência e de sua família; todos afirmam que trocara o nome. Gravam-lhe, todavia, na lousa, e Vampré escreve que era de Gotha, na Saxônia. É ainda em Gotha, num romance barato, que o vai situar o sr. Afonso Schmidt nos folhetins do "Estado de São Paulo", com o fito de estabelecer a confusão sobre o personagem, cuja identidade não convém aclarada (38). Essa confusão se estabelece sobretudo nas datas variáveis do nascimento, o que é de importância capital: 1808, 1809 e 1811, todas tendentes a afastar a hipótese de ter assassinado Kotzebue em 1819. **O grande segredo bucheiro!...** Além disso, a palavra Gotha tem duplo sentido, de acordo com as regras cabalísticas: Gotha, capital do ducado de Saxe Coburgo, Gotha para os desavisados profanos, Gothia, a Alemanha para os iniciados... Não se esqueça que, em Gotha, à sombra do duque de Saxe Coburgo, Ernesto Luiz, achou refúgio, foi titulado como Conselheiro Áulico e recebeu pensão Spartacus Weisshaupt...

Quando Júlio Frank morreu, vivia em São Paulo o poeta Passos Ourique, que lhe dedicou uma nênia, na qual deu um escorregãozi-

no, levantando uma pontinha do véu que ocultava o verdadeiro nome do fundador da Bucha, pensando talvez que somente os confrades o entendessem, ao chamá-lo: João Luiz de Godofredo Júlio Frank... (39) A intimidade de Frank e de Ourique é lembrada pelo sr. Afonso Schmidt em muitos trechos do seu romance (40). Também menciona que o judeu Alexandre Haas recebeu do reitor da Universidade de Goettingue, em 7 de junho de 1932, quando muito se falava da Bucha e isso não convinha, a seguinte carta:

"Prezado senhor. Em resposta às suas linhas de 5 de março de 1932, participamos que não pudemos verificar a data do nascimento de Frank (!!!). Encontramos, porém, no nosso arquivo, uma carta de Frank, da qual segue cópia. É de esperar que seja do seu interesse. Frank deixou Goettingue sem tirar o certificado de retirada, pois que não pôde pagar suas dívidas. Em coisas políticas (ao menos aqui), não se achou envolvido. Perante o reitor da Universidade teve de comparecer repetidamente, duas vezes por duelo e uma vez por desmando em um campo de tiro. Mais não se pôde averiguar aqui; também não sei se ele pertenceu a uma Liga."

Liga é um eufemismo, em lugar de sociedade secreta. Como não conhecemos o original alemão da carta, não sabemos de que expressão na verdade usou o reitor de Goettingue. A carta não pode merecer a menor consideração do ponto de vista histórico. Ou se refere a qualquer estudante do nome de Frank, aliás muito comum na Alemanha, ou é adrede arranjada para desorientar os que queiram esclarecer o mistério. Sabe-se que Júlio Frank chegou ao Rio de Janeiro em 1821 e isto torna patente o absurdo da data que se quer impor para seu nascimento, data que a própria carta não se atrave a elucidar.

O mal arranjado romance do sr. Afonso Schmidt, publicado no "Estado de São Paulo" tem por escopo naturalmente desviar a opinião pública da verdade sobre o misterioso personagem. Nada mais. Contudo, de vez em quando, nele afloram uns pedacinhos da verdade. Entre estes, a referência de que Júlio Frank ou Carlos Luiz Sand era judeu. Fala disso, por exemplo, no folhetim 7°. Outra referência muito curiosa é a de que havia num recanto da biblioteca ducal de Gotha, onde supõe nascido e criado o seu herói, "entre manuscritos desentranhados de poentos processos de magia, o EVANGELHO DOS DOZE APÓSTOLOS (sic!), a correspondência do português Martinez de Pasqualis e de outros sujeitos de má nota (41)".

Ora, não existe nenhum Evangelho dos Doze Apóstolos, nem mesmo entre os chamados Apócrifos ou os Agrapha dos gnósticos; mas se sabe que a Burschenchaft paulista tem doze membros alta-

mente graduados, de acordo com o ritual do Iluminismo, denominados os DOZE APÓSTOLOS! O autor, naturalmente conhecedor da Bucha, fez nesse ponto uma alusão destinada a ser unicamente compreendida pelos iniciados na camorra e na magia...

Martinez de Pasqualis foi um judeu português, cabalista insigne, que participou do grande movimento das sociedades secretas no século XVIII. Seu misticismo abriu as portas ao Iluminismo de Weishaupt na Baviera (42) e ao Iluminismo de Cláudio de Saint Martin em França. É, portanto, o papa dos Iluminados. Sua doutrina forma o alicerce de todas as sociedades secretas iluministas. Nela mergulham as raízes da Burschenschaft. Martinez de Pasqualis iniciou Saint Martin em Bordéus e este o chamava de mestre (43). O Martinismo ou Iluminismo francês surge posteriormente a Weishaupt, liga-se aos dogmas de Martinez de Pasqualis (44) e é o criador da trilogia liberal: Liberdade-Igualdade-Fraternidade. Vimos Weishaupt tratar da Liberdade e da Igualdade. Mais tarde ainda, a chamada Estrita Observância se abebera na mesma fonte (45).

A novela do "Estado de São Paulo", que traz estas revelações importantes, baseia-se em investigações do sr. Frederico Sommer sobre Júlio Frank. Dizem elas o seguinte: nasceu a 8 de dezembro de 1808 (46), na cidade de Gotha, segundo o registro da igreja protestante local de Santa Margarida, filho dum mestre encadernador; cursou o ginásio de Gotha; estudou na Universidade de Goettingue de 1825 a 1827; fugiu da Alemanha por causa de dívidas e desgostos, vindo para o Brasil. Nas mesmas fontes se desaltera o historiador Escragnole Dória em estudo publicado na "Revista da Semana" (47), acrescentando: "Do Rio de Janeiro se passou Frank a São Paulo, atingindo Ipanema, onde viviam muitos patrícios. Assombrava a todos a rapidez e correção com que o recém-vindo logo aprendeu e falou português. Ao encanto da inteligência ajuntava o agrado de maneiras distintas, tudo prejudicado pelo abuso do álcool.

Em Sorocaba, apareceu Frank de pés no chão, roupa a ir-se do corpo. Caixeiro de venda, desta sentado à porta, divertia-se em chamar escolares e ajudá-los nas lições, quaisquer que fossem.

Foi o caixeiro despedido por não dar sossego às garrafas de álcool, a latas de passas e azeitonas. Dinheiro era para Frank coisa de nonada, mas o patrão dele tinha outras idéias em Economia Política.

De Sorocaba partiu Frank para São Paulo, agasalhado aí em repúblicas de acadêmicos, ora numa, ora noutra, até ser nomeado professor de história do Curso Anexo à Faculdade de Direito.

Preciosas notas recolhidas por um "Velho Sorocabano", Lopes de Oliveira, de parentesco com o Dr. Francisco de Assis Vieira Bueno,

discípulo de Frank, habilitam-nos a apreciar até o tipo físico do professor alemão a colocar na galeria dos originais, ao lado do barão de Schidler, Filósofo do Cais, no Rio de Janeiro.

Mostrou o "Velho Sorocabano", por tradição de velhos, Júlio Frank de estatura mediana, cabelos louros, de olhos azuis, usando barba. Andava sempre de mãos cruzadas sobre as costas, palmas abertas, dedos entesados. Muito supersticioso, prestava atenção a credices e práticas indígenas, nem se furtava a sessões de magia negra (sic!).

Procurando falar à paulista, descansadamente, radiava de alegria se lhe perguntavam onde nascera em São Paulo, gostando muito quando o chamavam de Lamão na cidade pequenina de onze mil almas, onde acadêmicos eram trunfos.

Dava Júlio Frank lições particulares em casa da rua de São José, próxima à ladeira do Acu. Beirava o quintal da casa o rio Anhangabaú. Para banhar-se, Frank interrompia lições pelas quais não aceitava dinheiro de ninguém, salvo se lhe dissessem que era para comprar livros.

Professava magistralmente no Curso Anexo da Faculdade, então dirigida pelo senador Vergueiro. Andava sempre com estudantes e estes o impediam quanto podiam de entregar-se a libações (48), que lhe não tolhiam inteligência ou memória."

Admitindo o nascimento desse homem em 1808, tê-lo-íamos em 1827, ao deixar a Alemanha, com 19 anos e, ao ser nomeado em 1830 para o Curso Anexo da Faculdade de São Paulo, com 22 anos. Devemos confessar que é muito pouco para quem já **sabia tanto...**

Não queríamos fazer a afirmação categórica de ser Júlio Frank, Carlos Luiz Sand, o assassino de Kotzebue, sem termos a nossa consciência tranqüila. Para isso, procuramos um de nossos maiores amigos, cujo nome somos obrigados a calar, homem distintíssimo, cidadão prestimoso, grande brasileiro o qual, ao tempo da mocidade, segundo sabíamos de fonte limpa, pertencera a Burschenchaft da Faculdade de São Paulo, onde se formara, ocupando na mesma, nos últimos tempos da monarquia, o cargo de um dos Doze Apóstolos. Sua vida limpa e sua ação patriótica de há muito já apagaram esse erro de sua juventude republicana. Pedimos-lhe esclarecimentos sobre a Bucha e ele nos disse que havia pronunciado um JURAMENTO TERRÍVEL a que não podia faltar. O juramento ritual é o seguinte: "Juro, sob pena de ser considerado infame, que jamais revelarei a existência de uma sociedade secreta na Academia de São Paulo!" Insistimos, mostrando-lhe a necessidade de esclarecer os moços bra-

sileiros contra esses manejos das trevas. Expusemos-lhe a dúvida angustiada que poderia permanecer em nosso pensamento, se não tivéssemos uma confirmação plena daquilo que os documentos nos revelavam. E ele somente acedeu em nos responder a esta pergunta:

— QUEM ERA NA VERDADE JÚLIO FRANK?

Pensou um instante e confessou:

— ESSE ARCANO SÓ SE REVELAVA NA POSSE DOS NEÓFITOS. O PRESIDENTE LIA, ENTÃO, O HISTÓRICO DA BURSCHENCHAFT E DIZIA O GRANDE SEGREDO: JULIO FRANK ERA SIMPLEMENTE CARLOS LUIZ SAND, O ASSASSINO DE KOTZEBUE!

Somente assim se compreende o mistério e o prestígio desse homem, que teve dois nomes e dois túmulos: um na Alemanha e o outro no Brasil...

Encontra-se uma referência oficial à Bucha no parecer dado pelo professor da Faculdade de Direito de São Paulo, dr. João Monteiro, aos projetos de Universidade dos Drs. Azevedo Sodré e Leôncio de Carvalho, em pleno período republicano: "Nem valha a alegação de haver tais comissários na Alemanha. Basta atender para a causa de tal criação, por completo alheia em nosso meio social. Larousse a refere, e dos nossos estudantes, os que se filiaram à Burschenchaft bem a conhecem. Apontadas as universidades como focos de desordem política, assassinado Kotzebue pelo estudante Carlos Luiz Sand, posta em perigo a estabilidade dos soberanos alemães, foi o instinto da conservação tronai que levou esses fiscais a montarem guarda nas Universidades de Münster, de Kiel, de Innsbruck, de Breslau, de Goettingue, de Pest e outras... Mas hoje... **quantum mutatis ab illo!**" (49)

O parecer reporta-se à idéia duma fiscalização severa na faculdade e confessa oficialmente a existência da Bucha, bem como de suas relações com o movimento político das sociedades secretas universitárias da Alemanha e com o assassinio de Kotzebue. Os estudantes filiados a Burschenchaft, afirma o Dr. João Monteiro, conhecem isso... O documento é precioso.

Quem primeiro se referiu publicamente a Burschenchaft paulista e deu a entender sua ligação com o crime de Sand foi o líder católico Felício dos Santos, em um artigo na "União", que causou grande impressão no espírito público e alvoroço nos arraiais bucheiros. O chefe da Bucha nesse tempo era o sr. Vergueiro Steidel, alcunhado o Corvo Triste, que enviou um emissário ao sr. Felício dos Santos, segundo é do conhecimento de muitas pessoas ainda vivas. Mais tarde, voltava o notável batalhador da Igreja ao assunto nestes ter-

mos: "Não há muito tempo, contei aos meus leitores o que era a maçonaria acadêmica de São Paulo, a misteriosa **bushhafft** (sic) fundada pelo professor de história, Dr. Frank, jacobino alemão emigrado para o Brasil depois do célebre assassinato de Kotzebue pelo estudante Karl Sand em 1819. Quase todos os estudantes da Faculdade de São Paulo eram filiados a essa associação (50)."

A nossa documentação esclarece definitivamente o assunto e comprova tudo quanto deixamos dito no primeiro volume desta obra acerca do bacharelismo judaizado que tomou conta do Brasil e o levou à amoralidade política e social. A mocidade brasileira precisa destruir os resultados dessa ação das trevas que abastardou a nação. Para esmagar uma seita, diz o padre Barruel, uma das maiores autoridades em matéria de sociedades secretas, é necessário atacá-la nas suas próprias escolas, dissipar o seu prestígio, demonstrar o absurdo de seus princípios, a atrocidade de seus meios e, sobretudo, a infâmia de seus mestres (51). Que os moços dignos, de caráter, patriotas e conscientes, cristãos e puros, destruam de vez essa máfia celerada, acocorada na sombra, que dirige a vida de São Paulo e, às vezes, o destino da Pátria, servindo-se dos que iniciou nos seus mistérios, os quais não sentem queimar-lhes as faces o rubor da vergonha de subirem por essa triste e suja escada de serviço!

Capítulo III

A CAMORRA DE CIMA

Á 13 de março de 1825, S. S. o Papa Leão XII escrevia aos católicos na Constituição Apostólica QUO GRAVIORA estas sábias palavras: "Logo nos dedicamos a examinar o estado, número e força destas associações secretas e fácil nos foi reconhecer que sua audácia se multiplicara pelas novas seitas que se lhes reuniram. A denominada **universitária** chamou nossa especial atenção. Estabeleceu sua sede em muitas universidades, onde os mancebos se perverteram, em vez de se instruírem, por alguns dos professores, iniciados em mistérios que poderiam chamar-se de iniquidade, e prontos para toda a casta de crimes. Provém daqui que, desde que o facho da revolta foi aceso pela primeira vez na Europa, pelas sociedades secretas, e levado ao longe pelos seus agentes, e ainda que os príncipes mais poderosos hajam alcançado notáveis vitórias, que nos faziam esperar a repressão destas associações, seus culposos esforços não têm cessado ainda. Por que, nos países onde as antigas tormentas pareciam apaziguadas, não há para temer novas perturbações e sedições recentes que estas sociedades tramam continuamente? Não se temem os punhais ímpios com que ferem secretamente os que se acham apontados para a morte? Quantas terríveis lutas não têm tido a autoridade que sustentar a fim de manter a tranqüilidade pública?

A estas associações devem atribuir-se as terríveis calamidades que afligem a Igreja e não podemos recordar sem dor profunda a audácia com que são atacados seus dogmas e preceitos mais sacrosantos! Procura-se aviltar a sua autoridade, e a paz de que ela teria o direito de gozar é não só perturbada, mas poderia dizer-se que está destruída.

Não deve pensar-se que nós, falsa e caluniosamente, atribuímos a estas associações secretas todos estes males e outros que não indicamos. As obras que os seus membros têm publicado sobre a religião e a causa pública, seu desprezo pela autoridade, seu ódio

pela soberania, seus ataques contra a divindade de Jesus Cristo e a própria existência de Deus, o materialismo que professam seus códigos e estatutos, que demonstram os projetos e intenções que têm, provam o que nós referimos dos seus esforços para derrubar os princípios legítimos, e abalar os alicerces da Igreja. E o que é igualmente certo é que estas diversas associações, embora com várias denominações, são aliadas entre si por seus infames projetos.

Segundo esta exposição, pensamos que nos ocorre o dever de novamente condenar estas associações secretas, para que nenhuma delas possa pretender que se não acha compreendida na nossa sentença apostólica, e servir-se deste pretexto para induzir em erro homens fáceis de enganar. Assim, tendo tomado conselho com nossos veneráveis irmãos, os cardeais da Santa Igreja Romana, de **motu proprio**, ciência certa e, depois de maduras reflexões, proibimos para sempre e sob as penas impostas nas bulas de nossos predecessores, aqui reproduzidas e que confirmamos, todas as associações secretas, tanto as que atualmente existem, como as que poderão organizar no futuro, e as que conceberem contra a Igreja e a autoridade legítima os projetos que acabamos de referir.

Ordenamos, portanto, a todos e a cada um dos cristãos, qualquer que seja o seu estado, classe, dignidade ou profissão, seculares ou eclesiásticos, sem que seja necessário mencioná-los todos aqui, em especial, e, em virtude da santa obediência, de nunca, sob qualquer pretexto, entrarem nas mencionadas sociedades, propagá-las, favorecê-las, recebê-las ou ocultá-las em suas moradas, ou em outra parte, iniciar-se nessas sociedades em qualquer grau que seja, consentir que elas se reúnam ou lhes dêem conselhos ou socorros, clara ou secretamente, diretos ou indiretos, ou induzir outras pessoas por sedução ou persuasão, a entrarem ou assistirem a tais reuniões, auxiliá-las ou favorecê-las por qualquer modo que seja: mandamos, pelo contrário, que se mantenham cuidadosamente desviados destas sociedades, associações, reuniões e assembléias, sob pena de excomunhão, na qual incorrerão, **ipso facto**, quantos transgredirem esta proibição, sem que possam obter absolvição, a não ser de nós ou de nossos sucessores, exceto em artigo de morte."

A BUCHA ou Burschenchaft foi a **universitária** que se constituiu no Brasil, introduzida em São Paulo por Júlio Frank. Estendeu-se, com o nome também alemão de Tugendbund, à Academia de Pernambuco. "A Tugendbund pernambucana tinha um curioso cerimonial tomado ao rito maçônico e um tanto cabalístico, mas, ao mesmo tempo, desanuviado por algumas expressões ditas em latim macarrô-

nico, que lhe davam muita graça. A influência que exerceu esta sociedade, sobretudo no começo, foi grande... Foram seus fundadores Carneiro Vilela, José Higino, Gonçalves Ferreira, Domingos Pinto e Feliciano Pontual. A Tugendbund tinha como órgão na imprensa "A Ilustração Acadêmica", periódico que durou pouco. Figuravam como principais associados, entre outros, Amorim Garcia, Braz Florentino, Fiel Grangeiro, Gonçalo Faro e Sancho Pimentel (1)". Segundo Faelante da Câmara (2), nos corredores do antigo convento de São Bento, onde funcionava a Faculdade de Olinda, nos primeiros tempos, desassombradamente se discutia o socialismo; lentes houve de tão grande espírito revolucionário que, por cima das insígnias de Doutor, vestiam a blusa de Praieiro; e só em 1854, quando o estabelecimento foi transferido para o Recife, voltou de novo a religião católica a ter alguma força naquele meio. A ação da Tugendbund, que levava o estudante pernambucano até o socialismo, minguou diante da reação lenta das forças conservadoras.

Na Escola Politécnica, criou-se a Landsmannchaft de que só sabe pouca coisa e se perdeu um tanto nas correntes positivistas. Nem esta, porém, nem a Tugendbund lograram jamais o alto prestígio da Bucha paulista, que acabou aprisionando a nação nas suas Malhas e escravizando-a por longo tempo, economicamente pelo domínio do café e politicamente pela hegemonia do poder público.

Quando se fala da Bucha a qualquer de seus membros, ele nega peremptoriamente sua existência: balela, fábula, mentira! Se se insiste com algumas provas circunstanciais, apela para a eterna defesa esfarrapada das maçonarias: o fim da sociedade é fazer o bem, é a caridade, nada mais; é secreta pela discreção a que a caridade obriga, mas os estudantes pobres conhecem os seus efeitos benéficos. Continue-se a insistir e, então, o bucheiro procura fazer medo: ouviu dizer que a coisa é perigosa, que se não deve falar, etc...

Castro Alves, que cursou a Escola de Direito de São Paulo, escrevia dali para a Bahia, dizendo que, em São Paulo, como afirmava Tobias Barreto, somente havia "frio da Sibéria" e "cinismo da Alemanha" (3). **O cinismo da Alemanha** não podia ser outra coisa senão a Bucha, formadora da orgulhosa oligarquia paulista. Tem-se que rastrear a existência da temível organização secreta em referências semi-veladas dessa natureza, em palavras que, sem a existência da Bucha, seriam enigmáticas. Não é possível, num estudo sobre sociedades secretas, dispor de documentos categóricos a cada passo. Se assim fosse, é que tais sociedades não seriam secretas. É preciso recorrer muitas vezes a indicações e subentendidos que vão servindo de indícios do poder desconhecido.

Na "Oração aos Moços", Rui Barbosa disse estas palavras um tanto misteriosas, sobretudo por serem pronunciadas na Academia de São Paulo, palavras que dão o que pensar e nas quais grifamos o que parece **suspeito**: "A solenidade, o **rito** observado nesta festa e a forma tão vibrante de afeto que lhe imprimistes criou **laços indestrutíveis** entre nós, **homens do rito**. Nós, juristas, sentimos a forma de todos os nossos atos, esta forma, o **rito solene** deste acolhimento é o penhor de minha profunda gratidão." A repetição por três vezes em tão curto trecho da palavra **rito** empregada por um mestre da língua deve ter uma significação especial...

Para bem se compreender essa **significação especial**, leiam-se estes trechos da "Instrucción Masónica", estampados no n² de março de 1936 da "Revista Maçônica de Chile": QUE É RITO?

"Rito quiere decir costumbre, uso, así en liturgia religiosa como masónica.

Rito, dice otro autor, es la manera de dar los grados.

Podría definirse, diciendo que es el conjunto de regias o preceptos de conformidad a los cuales se practican las ceremonias y se confieren los grados, se comunican los signos, toques, palabras y todas las demás instrucciones secretas."

"El Ritual es un medio de estar consigo y con los demás. Es el curso de las ceremonias, acciones, pasos y tocamientos; presenta el modo como se abren, se suspenden, se continúan y se cierran los trabajos del grado y la instrucción que en él se da en forma de catecismo. Es, en suma, el modo de proceder, de estar, de obrar, de desarrollar los debates, de conducirse y de dirigir.

Está fundado en la observación profunda de la psicología humana y en el fondo es uno de los más poderosos medios de educación en la Orden.

Tiende a crear en cada hermano el perfecto control de su palabra y de su acción y es un constante llamado de su atención hacia enseñanzas morales de profundo significado.

Cada acto, cada frase, cada paso o signo integrante del ritual masónico, lleva el objeto primordial de disciplinar el espíritu, de educar la voluntad, de dominar los nerviosos impulsos, al par que dar orden, método y regularidad a las asambleas de las Logias.

Puede ser cualquiera el ritual adoptado: siempre tendrá igual misión y estará destinado al mismo fin.

Las frases especiales; las llamadas, variadas en su forma; las variantes en los métodos, son valores secundarios que no tienen influencia en el fondo, en la misión transcendental del ritual.

El ritual es un educador primeramente, y un regulador después.

Este doble objeto hace que la Masonería no haya querido jamás prescindir de él y por el contrario preconice que el mayor o menor éxito de los trabajos en Logia, la mayor o menor disciplina de los hermanos dependa de la mayor o menor pureza y rectitud con que se aplica el ritual."

Um dos professores da Faculdade de São Paulo, o Dr. Ernesto Leme, disse num discurso: "Em anos que se perdem na noite dos tempos, tivemos, também, em Pernambuco e em São Paulo, duas sociedades secretas, nos moldes das existentes nas universidades alemãs: a Tugendbund e a Burschenchaft. A primeira tinha intuítos patrióticos; a segunda destinava-se a fins humanitários. Em dias de desassossego para a pátria, os membros da primeira sempre estiveram a postos para cumprir os seus deveres de cidadãos. Não havia estudante pobre, em dificuldades, para prosseguir no curso, que não recebesse, no domínio da segunda, nos momentos de maior necessidade, um auxílio pecuniário que mão invisível lhe trazia... O espírito de solidariedade (?) entre os moços de hoje permanece, talvez, o mesmo (4)."

Pondo de lado os elogios à caridade e ao patriotismo dos adeptos, virtudes que não justificariam o segredo do **rito** e que são meras capas com que se cobrem outros manejos, a confissão da existência da Bucha e da permanência do **espírito de solidariedade dos homens do rito** é preciosa...

Num almoço oferecido há tempos no Automóvel Clube de São Paulo ao professor Ernesto Leme, este foi saudado pelo professor J. M. Azevedo Marques, usando destas expressões ao responder à saudação:

"Vejo que desfila pelos gerais do antigo convento a caravana dos lentes já mortos: Falcão Sênior, a fisionomia fechada, o olhar penetrante e agudo, trazendo, no fundo do peito, um segredo jamais revelado (5); Antônio Carlos, portador dum nome que é um símbolo da nacionalidade, terçando armas com seus alunos na loja **América**, em torno da questão servil (6); Bráulio dos Santos, de uma eloquência sedutora, preocupado com os lineamentos da Constituição da nascente República; Brasília Machado, alto e majestoso, a fronte escam-pa, artista da palavra, que tinha em seus lábios mágicos encantos;

Gabriel de Rezende, a barba nazarena, o olhar sereno, a boca sempre aberta num sorriso de bondade; Vergueiro Steidel, grave no falar, rosto fechado para os que não o conheciam, coração franqueado a todas as amizades fiéis; Otávio Mendes, empurrado em sua cadeira de paraplégico, cujas carretilhas provocavam um som cavo nos corredores, testemunhas de sua atividade e de seu sacrifício... A caravana se perde ao longe, na bruma que se esgarça. O sol volta a dourar as lajes do pátio. Sobre o túmulo de Júlio Frank um pássaro se assenta, entoando loas à vida... (7)"

A tirada é visivelmente simbólica e se reporta à tradição bucheira, que estivera ameaçada de rompimento, mas de novo continuava, ressurgindo à voz que vinha do túmulo de seu iniciador... **À bon entendeur, salut...** A reação contra a Bucha, que fôra essa ameaça, rompera em 1924, quando os estudantes anti-bucheiros conseguiram vencer a eleição da mesa do Centro Acadêmico XI de Agosto, fundado em 1906 pelo sr. José Carlos de Macedo Soares e outros, estando para a Bucha como a Associação Cristã de Moços e o Rotary estão para a maçonaria, como as Frente Populares e as Ligas Anti-Fascistas e Anti-Guerreiras estão para o Komintern. Um dos chefes desse movimento reacionário, o primeiro que se esboçou quase um século depois de constituída a Burschenchaft e que golpeou o seu poder formidável, foi encabeçado entre outros por um estudante de nome João de Martin Filho, natural de Ribeirão Preto, o qual, pouco tempo depois, era **estupidamente** assassinado num botequim, em Campinas...

Fundou-se por essa ocasião um jornal acadêmico de combate à Bucha, o qual durou até 1925. Nele, o atual deputado estadual de São Paulo, sr. Paulo Duarte, estampou o seguinte soneto-acróstico, sob o pseudônimo de Alfeu Caniço:

A VELHA BRUXA

**Baixa, asquerosa, magra e repelente,
Ubérrima em chicana e falsidade,
Roçando presunçosa toda gente,
Soturna, a Bruxa vai pela cidade.**

**Coberta de pó, mísera, indigente,
Há nos seus lábios a falsa piedade,
Embora digam que ela tenha, ardente,
Nos olhos a expressão da caridade.**

**Sua morada imunda é uma espelunca;
Corvos na escuridão dela passeiam,
Honrando a podridão que o solo junca.**

**A megera, cantando, dolorida,
Fugindo aos corvos tristes que a rodeiam,
Tenta em vão buscar o hálito da vida.**

O soneto não é grande coisa, mas documenta a reação estudantil. Contam que, por essa ocasião, houve até quem tivesse conseguido roubar da casa de alto personagem, por meio de mãos femininas, o arquivo ou parte do arquivo da Bucha. O certo é que a estudantada rebelde meteu à buíha na própria Faculdade, com a Festa da Banana, a tradicional Festa da Chave, que é maçônica, do mesmo modo que a Festa do Termômetro nas Escolas de Medicina. Onde quer que se realizem festas desse jaez existe sociedade secreta de estudantes.

A Chave é símbolo muito comum na maçonaria. Chama, nas Faculdades, a atenção de todos os bucheiros, onde quer que estejam, para seus deveres em relação à Bucha, levando ao seu conhecimento o nome do estudante encarregado de receber a correspondência, de estabelecer as ligações, — o Chaveiro.

Na maçonaria, a Chave serve de insígnia a alguns graus. No Rito Escocês, é o emblema do 3^o grau simbólico, só ou acompanhada da balança (8). Símbolo da prudência e da discrição, Os segredos figuram estar guardados **debaixo de chave**. É uma jóia distintiva. Todo **mestre** deve ter oculta esta chave dentro dum cofre de coral, rodeado de marfim. Ainda que não seja de nenhum metal, não deixa de ser menos preciosa, pelo que se deve ter o maior cuidado ao usá-la. Segundo o ritual adonhiramita, é este o catecismo para o grau de mestre:

P. — Que oculta você?

R. — Todos os segredos que me foram confiados.

P. — Onde os oculta?

R. — No coração.

P. — Tem uma chave para facilitar a entrada nesse lugar?

R. — Sim, a digna confidencial.

P. — Onde a guarda?

R. — Na caixa de coral (a boca), que se abre e se fecha unicamente com as chaves de marfim (os dentes).

P. — De que metal é composta?

R. — De nenhum. É uma língua obediente à razão...

Depois disso, o Irmão Insinuante (9) convida e prepara para a cerimônia iniciática.

Não se conhece tão bem o ritual da Burschenschaft como se conhecem os dos vários ramos da maçonaria. Todavia, muita coisa já chegou ao conhecimento dos profanos. Os fitões das sociedades secretas de estudantes são das seguintes cores: Vermelho para as das Faculdades de Direito, Burschenschaft ou Tugendbund; Verde para as das de Medicina; Azul escuro para as das de Engenharia, Landsmannschaft; Azul com centro preto para as das de Farmácia. Desses fitões pendem emblemas: o Coração, a Cruz e a Âncora, — Fé, Esperança e Caridade em outro sentido. Além desses, caveiras, estrelas de seis pontas, o G. da antiga Gnose. Os fitões devem ser usados ao pescoço e seu forro é sempre preto. Em geral, nas reuniões da Bucha, entre símbolos tétricos, tíbias e caveiras, os membros se apresentam de casaca, cobertos por dominós brancos de capuz. Os bucheiros costumam ainda usar sobre suas mesas de trabalho, perdidos entre **bibelots**, pequenos objetos que servem de sinais de reconhecimento aos iniciados. Conseguimos identificar um deles. É um peso para papéis de metal prateado, em forma de bigorna, com a palavra FURAN inscrita numa elipse.

Quem entra para a Bucha entra como **Catecúmeno** ou **Neófito**, passa, depois, a **Crente** e pode chegar a ser um dos **Doze Apóstolos**, tendo, então, a ilusão mirífica de ser dos Chefes Supremos. Porque o **Conselho dos Divinos**, inteiramente oculto, é quem dá aos Doze Apóstolos as ordens a que devem obedecer e as diretivas que devem cumprir. Do grau de Apóstolo para cima, o bucheiro nada mais sabe. É o mistério da treva... (10)

Do mesmo modo que pedreiros-livres e iluminados (11), os bucheiros usam pseudônimos somente conhecidos na vida íntima da Burschenschaft. É do ritual e Rui Barbosa os chamou **homens do rito**. Um antigo Presidente da República, membro importante na sociedade secreta, atende pelo apelido tétrico de Irmão Santo Sepulcro. O nome dum ex-ministro de Estado e embaixador, que se diz católico e está, no entanto, de acordo com a palavra da Santa Sé, excomungado **ipso facto**, é o Irmão Jordão. Um deputado importante, fadado a grandes destinos políticos, acode por Irmão Mar Morto, 113...

**QUADRO SINÓTICO DOS PRINCIPAIS GRAUS MAÇÔNICOS,
ILUMINADOS E BUCHEIROS**

MAÇONARIA	ILUMINISMO	ILUMINISMO MAÇÔNICO	BURSCHECHAFT OU BUCHA
Altos graus	Areopagitas	Princeps ut Regens	Conselho dos Divinos
Mestre	Minerval - Iluminado	Presbyter	Apóstolo
Companheiro	Minerval	Dirigens	Crete
Aprendiz	Noviço	Iluminado - maior e menor	Catecúmeno ou neófito

Estudando o caráter dos estudantes até o 2º e 3º anos, os insinuantes ou recrutadores da Bucha vão trazendo para suas fileiras os ambiciosos, os inescrupulosos, os desavisados, os que se deixam dominar pelos vícios, pelas paixões ou por outras vontades. A sociedade secreta toma-lhes, assim, a sua liberdade por meio dum juramento terrível que os escraviza para sempre e lhes sela os lábios. Impõe-lhes aos poucos uma formação intelectual. Ela ajuda-os a subir a todas as posições, porém desmoralizando-os e escravizando-os aos seus desejos, substituindo a sua vontade à deles. À menor rebeldia são duramente punidos. Criam-se desta maneira os escravos brasileiros a serviço do judaísmo secreto e sem entranhas. Forma-se, assim, uma verdadeira Camorra de Cima, como já disse alguém, uma Camorra de escol, da qual o país passa a depender e a qual depende do poder judaico escondido. Os homens que governam, politicam e administram são verdadeiros títeres nas mãos da Força Oculta. Acarretam, às vezes, com a própria odiosidade do povo pelas medidas antipatrióticas que tomam. São, às vezes, aparentemente sacrificados às justas revoltas nacionais. Constituem a cobertura da ação demoníaca do judeu internacional. Por isso, certos homens não caem nunca. Derrubados hoje pela conveniência do momento, são reabilitados amanhã pela imprensa obediente ao poder ignorado e novamente guindados as posições. O povo brasileiro vê todos esses médicos, engenheiros e bacharéis da Bucha e suas congêneres, não as vê, porém, e elas tudo manobram.

Aos que duvidarem do que contamos na "História Secreta", arriscando-nos ao ódio de poderosíssimos inimigos com a consciência

de prestar um serviço a este pobre país escravizado e explorado, oferecemos estas palavras de Edouard Drumont: "Je suis un vaincu, ma vie est finie, mais enfin si plus tard il y a une renaissance chrétienne, une tentative de réorganisation sociale, si des penseurs s'occupent de la question juive et qu'on nie que les juifs exercent un pouvoir occulte, voilà les documents que je mets á la disposition de tous (12)." Que os que nos têm atacado reflitam sobre isso e esperem: um dia talvez nos façam justiça.

Em nome do judaísmo internacional, o assassino Carlos Luiz Sand fundou a Bucha no primeiro quartel do século XIX, em São Paulo, com o pseudônimo de Júlio Frank, justamente para produzir na vida da nação aquela maldita Camorra de Cima que apontamos. Outro resultado fatal seria a perversão satânica da mocidade, tirando à pátria a grande força de seu futuro, estragando o seminário de plantas humanas do porvir. Fichte e Kotzebue haviam notado essa horrível perversão na juventude das universidades alemãs contemporâneas (13). No capítulo seguinte, estudá-la-emos na Faculdade de São Paulo.

O melhor meio de combater a ação funesta de tais sociedades secretas, dessas "universitárias", como disse S. S. o Papa Leão XII, são as Congregações Marianas, que têm dois objetivos: castidade e liberdade dos moços, os quais juram não pertencer a sociedade secretas. A fita de Nossa Senhora livra-os dos fitões de Satanás. Por isso, o Komintern ultimamente ordenou aos jovens comunistas se infiltrassem como pudessem e o mais rapidamente possível nessas congregações.

A Camorra de Cima tem dominado o país da seguinte maneira: a soberania nacional reside no Senado e na Câmara. Ora, a associação secreta introduz ali o número de bucheiros suficiente para suggestionar os outros, dominá-los ou dirigi-los. A soberania está virtualmente em suas mãos. Quanto ao Presidente da República, ou fá-lo vir da Bucha ou o rodeia de parlamentares, ministros, técnicos, bucheiros. Assim procedeu a maçonaria em França. Leia-se esta confissão do **irmão Blatin**, deputado em 1888: "Organizamos no seio do parlamento um verdadeiro sindicato de maçons e já me aconteceu, não dez, mas cem vezes, obter intervenções verdadeiramente eficazes junto aos poderes públicos (14)."

A Camorra invade também a justiça e é este o triste quadro. Quando se tem um processo contra o Estado, contra uma autoridade arbitrária, contra um membro da Bucha, é um juiz bucheiro que o vai julgar. O público ignora a existência dessa COMPARSARIA SECRE-

TA. O interessado no pleito não pode saber que o magistrado veio duma faculdade onde se escravizou ao poder oculto que o encarreirou e o protege.

Que garantia pode ter o povo brasileiro contra essa monstruosa Camorra? (15) Sua mão oculta está em todas as intrigas, conchavos e revoluções. "É impossível compreender alguma coisa da multiplicidade dessas catástrofes, se uma história invisível se não desenvolvesse sob nossa história. ..(16) Não somos mais nós que escrevemos nossa história... mas uma invisível mão, a do Poder Oculto; e essa história é a da nossa perdição por termos renunciado às nossas tradições. Por aí o Poder Oculto resolveu matar-nos, fazendo de nós os próprios artífices da nossa ruína. ..(17) Nossas almas, privadas do antigo ideal, se abaixam para o solo (18)."

O autor deste livro tem a felicidade de haver feito toda a sua carreira sem nunca ter pertencido a nenhuma sociedade secreta. Pode falar delas, pois, de cabeça erguida e desafiar o ódio da Camorra. O mais que esta lhe poderá fazer é o que tem feito a outros: tirar-lhe a vida. Isto confirmaria tudo o que ele tem escrito e não seria castigo, porque ele crê que o destino dos homens não se realiza na ordem temporal, mas na ordem sobrenatural, onde a Eterna Justiça sorri da Bucha e do Bafomet...

Capítulo IV

SATANÁS NA PAULICÉIA

O cinismo da Alemanha a que aludia Tobias Barreto e que Castro Alves referia quanto a São Paulo era simples e unicamente a mais completa e triste perversão da mocidade da Escola de Direito levada a efeito pela Bucha, ao impulso de seu misterioso fundador, Júlio Frank, que Escragnolle Dória afirma não se furtar "a sessões de magia negra" (1). Toda uma geração de jovens brasileiros de talento, que podia ter prestado inestimáveis serviços à nação, lamentavelmente afundou no báratro de verdadeiro satanismo. O Anhangabaú, rio do vale do mau Espírito, à cuja margem habitava o matador de Kotzebue, tinha um nome indígena de significação como que apropriada às tendências demoníacas que, pela influência maléfica da sociedade secreta de Iluminados, dominavam nos meios estudantis. Daí o grande número de suicídios e tentativas de suicídios, inexplicáveis sem outra fórmula a não ser essa, entre a rapaziada (2). Daí aquele horror de D. Pedro II por essas práticas, que se diziam byronianas, horror de que nos fala um filiado à Bucha, João Cardoso de Menezes e Souza, barão de Paranapiacaba, íntimo dos serões literários do Paço Imperial, nas notas à sua tradução do "Prometeu" de Ésquilo.

A influência de Byron e do satanismo byroniano através da Burschenchaft paulista se faz sentir na primeira turma da Faculdade. Um estudante matriculado em 1828, Francisco José Pinheiro Guimarães, traduziria mais tarde o "Childe Harold" e o "Sardanápalo" do grande poeta inglês (3). Nós, que conhecemos a maléfica influência, entre as gerações modernas, da literatura amoral e perniciosa dos Oscar Wilde, dos Marcel Proust e de outros, bem podemos avaliar o efeito nos cérebros dos rapazes daquele tempo que Byron levou a todos os desregramentos ou mergulhou nos delírios do álcool.

A primeira manifestação bucheira de tão horrendas tendências, mais ou menos conhecida, é o famoso episódio da Cruz Preta, na barranca do Anhangabaú. Assim o descreve o insuspeito Spencer

Vampré: "Certa noite, ao passarem vários estudantes pela rua da Cruz Preta (**Quintino Bocaiúva**), resolveram, por troça (?), tirar a grande cruz de madeira que lhe dava o nome, e que se erguia entre a rua da Freira (**Senador Feijó**) e a da Casa Santa (**Riachuelo**), transportaram-na para o largo do Bexiga (**Largo do Riachuelo**) e a jogaram no Anhangabaú, que, então, por ali corria, ainda não canalizado, como hoje.

Manuel José da Ponte, residente nas imediações, logo que viu prostrada no riacho aquela cruz, objeto de tanta veneração religiosa, ajudado de algumas pessoas, a levou para casa, onde mandou fazer uma capela, que é a que ora existe, e se denomina Santa Cruz do Piques (4)."

Isto foi em 1828 e Spencer Vampré conclui o relato com esta frase, em cujas entrelinhas há certa significação oculta, como veremos depois: "Assim, começaram os estudantes a quebrar a monotonia da velha cidade, e a transformá-la no que foi por muitos decênios — a verdadeira Coimbra do Brasil (5)".

Na verdade, das sociedades secretas da tradicional Universidade portuguesa, a **Jardineira** e a **Gruta**, vinha também a inspiração que levava os estudantes a quebrar, não a **monotonia** da velha cidade de Piratininga, mas o símbolo da Religião dos antepassados, padrão de cristianismo do lugar, tão venerado da população que, em desagravo, lhe erigem uma capela. Outros autores comprovam o sucesso (6). O visconde de Araxá dá pormenores interessantes que melhor elucidam o caso: "O conciliábulo foi presidido por um estudante de vinte e tantos anos, que veio de Coimbra concluir seus estudos na nova Academia, e que era um oráculo para os outros (7), já pela idade, já pelo brilhante talento, e já por ser um laço de união entre a velha e a nova Coimbra (?)... (8)"

Esse chefe de malta meteu a cruz ao ridículo, declara mais o visconde, bem como o frade que tentou restaurá-la. A rapaziada preparava-se para levá-lo às pedradas, sendo necessária a intervenção das autoridades eclesiásticas e civis, a fim de obstar o desacato público à religião.

Como se vê do segundo depoimento, mais precioso por todos os motivos, pois que o visconde de Araxá foi um bucheiro dos tempos primitivos, não foram os estudantes, ao passarem ocasionalmente pelo local, que tiveram a idéia da **troça**, mas o feito resultou dum conciliábulo especial, presidido e incitado pelo tal **oráculo** coimbrão. Tanto não se tratava de mera troça ou brincadeira de rapazes vadios e sim de uma manifestação anti-cristã proposital que a estudantada

quis impedir a restauração do símbolo, vaiando a pessoa do frade que o devoto Manuel José da Ponte com certeza encarregara disso.

O estudante de São Paulo que exemplifica, sintetiza e exprime na sua pureza esse satanismo bucheiro é o infeliz poeta Manuel Antônio Álvares de Azevedo, talento em flor pervertido pelo meio. O juízo crítico de Domingos Jacy Monteiro, no prefácio das "Obras" do poeta (9), contém estas expressões: "mancebos que demandamos a estrada do progresso, caminheiros que tomamos por norte a palavra de Byron (!), o labarum da civilização — **Away!** (10)" Esse lábaro conduzirá, no entanto, o autor da "Noite na taberna" a pontos, onde, na frase de A. P. Lopes de Mendonça, "o espírito do leitor recua de horror em cada página que lê" (11)! Bela literatura para a formação das gerações jovens numa pátria em construção como o Brasil! Obra satânica de dissolução da mocidade!...

Em 1848, Álvares de Azevedo entrava para a Faculdade paulista e em 1852 se finava, porque "a vida de estudante passou-a ele com todos os seus episódios extravagantes e aventuras amorosas" (12). A "Noite na taberna", que envenenou centenas e centenas de rapazes, levando-os à extravagância, aos vícios e à desgraça, é um **drama-romance** notável pela originalidade de suas extravagâncias, numa seqüência de narrações monstruosas (!) de libertinos nas orgias, duelos, adultérios, perdições de virgens, raptos, filtros, antropofagia (!!), gozos satânicos (!!!) (13)". Seus poemas são verdadeiros delírios poéticos, cheios de insônias e de **spleen**, com idéias políticas de livre pensador. O satanismo abrolha a cada passo. Em "Macário", por exemplo, o próprio Satan descreve a cidade de São Paulo!... (14)

Satanás, com efeito, elegera moradia na Paulicéia dos estudantes bucheiros que lhe rendiam culto, guiados pelos seus oráculos. Em 1845, eles organizaram a famigerada **Sociedade Epicuréia**, antro de bacanais e de infâmias, pervertora da juventude, vergonha duma época! Um crítico a denomina "planta parasita". Era, com efeito, a estranha parasita judaica sugando a seiva da mocidade cristã do Brasil. A "Noite na taberna" reproduz simplesmente uma das horríveis cenas de verdadeira magia negra desenroladas no seio do perverso conciliábulo(15).

Razão de sobra, pois, assiste a Pereira Rebouças em cantar satanicamente Álvares de Azevedo, nestes versos:

**"Era o gênio do mal! Satan na frente
O estigma de Byron lhe estampou! (16)"**

No satanismo bucheiro e byroniano, o poeta "bebeu o filtro do Amor e o filtro da Morte" (17). Deus fez o amor para ser a eterna fonte da vida. O diabo, **singe de Dieu**, transforma o amor em gerador da morte. É o amor que leva aos tédios e aos desesperos, cuja conclusão só pode ser a auto-destruição, o suicídio. É o amor doentio de Werther, lançando no mundo cristão uma verdadeira epidemia de suicídios, é o amor de D. Juan acabando nas melancolias enfermigas do nojo de se mesmo, "espécie de sonambulismo dos moços envenenados", afirma alguém. Satanismo absoluto lavrando entre a rapaziada da Faculdade de São Paulo (18)!

Dos conciliábulos bucheiros temos este quadro sugestivo: "Era hábito tomar para as **sessões** algum casarão isolado, de preferência uma chácara, dentro de espaçosa área, murada, discreta, circundada de arvoredo. Não raro, depurando-se para alugar alguma em tais condições, os rapazes tomavam as chaves **para ver o prédio**, com elas ficavam três ou quatro dias e ali se acoutavam para o ritual erótico-funerário (!). Os vizinhos se assombravam, altas horas da noite, com os cantos lúgubres, com o perpassar de vultos brancos (19), entre as folhagens, desfilando num préstito de duendes, de velas acesas, como nas procissões ou nos enterros, naquele tempo (20)".

Segundo depõe Veiga Miranda, os principais byronianos do **Mors-Amor** foram, além de Álvares de Azevedo, Pinheiro Guimarães, o barão de Paranapiacaba, Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. Estes e outros sabiam de cor a "Parisina", canto da incestuosa paixão de Byron por sua irmã Augusta, a "Noiva de Ábidos" e trechos do "Manfredo", tudo quanto rescendia ao cinismo sem par do lord poeta. Devastou a mocidade paulista verdadeira epidemia byroniana (21). Augusto de Queiroga traduziu o "Caim"; Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa, as "Helsen Melodies"; Francisco Otaviano, o poeta diplomata e estadista, cantos do "Childe Hapold", partes do "D. Juan" e da "Eutanásia". A possessão satânica bucheira-byroniana apoderou-se completamente da alma de Álvares de Azevedo na "Noite na taberna" (22). E, nesse tempo, por obra e graça da Bucha, Byron foi "o cruel Messias do Evangelho da Dissipação (23)".

Abandonando o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, a mocidade seguiu, infelizmente, os Evangelhos do Iluminismo e do Byronismo, o Evangelho do Anticristo!

O poeta inglês, misantropo e desdenhoso, estudante de vida dissipada, decerto iniciado nas sociedades secretas universitárias de Harlow e Cambridge, eivado de espinosismo judaico na convivência do famoso espinosista Shelley, seu amigo íntimo, coxo como Asmo-

deu, glorificador do crime em D. João e Caim, cantor do incesto e do adultério, soube morrer por uma nobre causa, defendendo os gregos contra os turcos no cerco de Missolonghi (24). O poeta byroniano brasileiro, Álvares de Azevedo, felizmente, ao aproximar-se a morte, que lhe foi tão prematura, arrependeu-se do passado e soube morrer como um cristão. A vida de ambos, porém, fôra estragada e a vida de inúmeros moços se estragaria por sua causa. No altar do satanismo, sacrificaram uma mocidade que bem podia ter admiravelmente servido com seu talento e seu entusiasmo à Pátria e a Deus.

A **Sociedade Epicuréia** prosseguiu em seus malefícios até meados do Segundo Reinado, tendo por finalidade, afirma Spencer Vampré, "esta coisa extravagante — realizar os sonhos de Byron". E prossegue: "Eram diversos os pontos em que nos reuníamos: ora nos Ingleses, ora nalgum outro arrabalde da cidade — narra um dos membros desta curiosa associação. Uma vez, estivemos encerrados quinze dias, em companhia de perdidos, cometendo, ao clarão de candieiros, por isso que todas as janelas eram perfeitamente fechadas desde que entrávamos até sair, toda a sorte de desvarios que se pode conceber. — Ao que, acrescenta Paulo do Vale, a quem tomamos esta nota, alguns estudantes, que se entregavam mais doudamente a estes excessos, ou que eram dotados de uma constituição menos robusta, de lá saíram com moléstias; de que depois morreram. Tal associação teve grande influência na poesia de nossa mocidade; quem ler, sucessivamente, os diversos jornais, percebe acentos desesperados nos versos, que correspondem a essa época (25)."

Sobre a juventude inexperiente, a Burschenchaft alemã produziu nas universidades protestantes os mesmos resultados dissolventes e letais que sua filial fazia desabar no Brasil. Entretanto, autores há que se não pejam de elogiar aquela instituição secreta, de fundo judaico e finalidade anti-cristã (26); e os que nos contam esses horrores fazem-no com a maior candura, sem uma palavra de formal condenação, como se relatassem simples brincadeiras de rapazes! Consumava-se, assim, a obra de dissolução judaica-maçônica, de que foi paradigma a vida dissoluta de outro poeta de gênio, o cantor do Evangelho nas Selvas, o bardo de Anchieta, cujos desregramentos públicos fizeram época nos anais da Paulicéia estudantil, Luiz Nicolau Fagundes Varela (27).

Educada em tal escola de vícios e de erros, a mocidade acadêmica não respeitava mais nem a religião nem o sacerdócio. Quando avistavam um padre na platéia do teatro, os estudantes rompiam em vaias estrondosas, desrespeitando ainda as mais altas autoridades da

Província que procuravam contê-los e chegando ao ponto de parodiar burlescamente os ofícios religiosos, liturgia negra aprendida nos conciliábulos da Bucha (28).

Na era de 1860, o satanismo semeado desde 1828 pelos **oráculos** de Coimbra e desde 1830 pelo **oráculo** Júlio Frank, que praticava, como já se viu, a magia negra, chegou ao seu apogeu. "Foi provavelmente por essa época que ocorreu um fato, bem demonstrativo das extravagâncias e desregramentos dos moços, imbuídos, até à loucura, das visões de Byron. **Manfredo, Lara, Giaur, Marino, Faliero, D. Juan, Beppo, Conrado, Sardanápalo, Mazeppa, Caim, Satan** (29) tais os nomes de que se adornavam, nas suas noitadas de vinho, de aguardente, e da mais rebaixada luxúria (!). Resolveram certa noite dar um passeio pelo cemitério da Consolação, perambulando entre os túmulos. Assolava então a cidade pavorosa epidemia, de modo que, mesmo a desoras, se celebravam enterros. Entre remoques, gargalhadas, pilhérias, e versos de Byron, declamados na tradução de Vieira Bueno, seguia o grupo, ora trepando sobre uma sepultura, ora tamborilando, irreverente, sobre as caixas de vidro das carneiras.

— E, se proclamássemos a **Rainha dos Mortos?** lembrou um deles.

Aceita a idéia, trataram de arranjar o caixão, o que facilmente conseguem, escavando uma sepultura, e despejando dela uma velha, enterrada na véspera. Resolvem descer, então, cautelosamente, pelas ruas desertas, rumo da casa da Eufrásia, uma pobre mundana, que tinha fama de estúpida, e que seria a **Rainha**. Ao passar em frente à loja **América**, delibera o grupo arrombá-la, para ornar com os paramentos maçônicos (30). A poucos passos dali, encontram dois conhecidos tipos de rua, o Mota, que havia sido estudante em Heidelberg (31) e vivia em constante embriaguez, e o padre Bacalhau, já suspenso de ordens (32), e vagando pelas vielas, maltrapilho e sujo.

Ao grupo se incorporaram os dois boêmios. Chegam à casa da Eufrásia, que, pouco antes, assomara à porta, a despedir-se do último amante. Batem. Entreabre-se um postigo, e aparece a meretriz, suspendendo o candeeiro por sobre a cabeça, a tentar debalde reconhecer alguém do grupo. Impossível. Os paramentos maçônicos (33), os chapéus desabados, as vozes imperiosas enchem-na gradualmente de supersticioso terror. Um estudante, vestido de **Irmão Terrível**, e com insígnias do Venerável da Loja, salta sobre ela, agarra-a nos braços de ferro, e, enquanto desmaia de susto, envolve-a num lençol, e coloca-a dentro do caixão mortuário, que havia trazido do cemitério. E, com os vistosos trajes da maçonaria (34), se põe a procissão em

marcha, ao som do cantochão, cantado roucamente pelo padre Bacalhau (!), enquanto, a seu lado, Mota declamava a "Canção dos Estudantes" de Goethe.

E, assim, seguem de novo vesanicamente byronizados (sic!), rumo da necrópole. Penetrando nela, Faliero divisa um túmulo recente, com esta simples inscrição: **Judith — 20 anos**. Era o túmulo de formosa israelita, morta recentemente, e à qual o estudante dedicara desafortunado amor. Filha dum hoteleiro judeu, estabelecido no largo do Colégio, exigira o pai que ele fosse obter autorização expressa da família para o enlace, e, na sua ausência, casou-a à força com um caixeiro, também judeu. Ao voltar Faliero, no mesmo dia em que chegava a São Paulo, enterrava-se judith.

Pode bem compreender-se o desespero do acadêmico. Numa vertigem, escava a terra, e parte a tampa do caixão. Ela aparece nua à frouxa luz do luar (35). Toma-a então nos braços, e lhe aproxima os lábios ardentes da boca fria. Mas não pôde suportar o mau cheiro que do cadáver putrefato se desprende. Recua, num grito pungente, e esconde a cabeça entre as mãos, soluçando, com os olhos muito abertos e muito enxutos, como se tivesse ensandecido!

Uma onda de tristeza se apoderou de todos os corações. Mas, afinal, exclamou Manfredo:

— Eia, rapazes! É tempo de celebrarmos as bodas da **Rainha dos Mortos!**

Foi escolhido Satan para amante (36). Num pulo, saltou sobre o caixão, cuja tampa caiu para um lado, e apertou Eufrásia, ardentemente, nos braços. De repente, porém, se levantou lívido, com os cabelos desgrenhados, o maxilar inferior a tremer, como se quisesse articular uma palavra, mas lhe faltavam forças. Todos atônitos o contemplavam.

— Morta! Está morta! conseguiu, afinal, balbuciar, e abalou daquele cenário, como alucinado.

Com efeito, a infeliz mulher tinha morrido de terror! Houve um momento de hesitação. Depois, fugiram, como bandidos, da ação da justiça. Daí a dias, procurava-os a polícia, desejosa de punir os profanadores dos túmulos (37)..."

E os vis, covardes assassinos da pobre Eufrásia, deve-se acrescentar!

Naturalmente, o poder oculto da Bucha velava pelos seus fiéis e abafou o inquérito e imperiu as diligências policiais, porque se fez logo o mais completo silêncio sobre os crimes dessa noite demoníaca: profanação de duas sepulturas e de dois cadáveres, morte pelo pavor

de uma infeliz mulher! Entretanto, poucos serão os crimes mais nefandos e mais hediondos. É incrível como rapazes de boa família, estudantes de direito, se possam reunir para cometer infâmias tão grandes! A imaginação mais desregrada, como a de Álvares de Azevedo, na "Noite na taberna", de Huysmans, antes de se converter em trapista, no "À rebours", a do próprio Byron, do próprio Goethe, na "Noite de Walpurgis", do próprio Edgard Poe, dificilmente pintariam cena mais tétrica mais arrepiante! É um verdadeiro sabat das montanhas do Harz em plena Paulicéia, onde o misterioso Júlio Frank soltara o diabo! A gente só acredita na veracidade desse horror, porque a atestam documentos históricos, o testemunho dos próprios iniciados na Burschenschaft de São Paulo. E foi a isso que as sociedades secretas estudantinas conduziram a pobre mocidade brasileira! E foi desse meio que haveriam de sair os estadistas responsáveis pelos destinos da nação!

Vimos no primeiro volume desta "História Secreta" a ação do judaísmo e da maçonaria, sua aliada, na política e na economia brasileiras. Depois de 1830, entra em atividade a Burschenschaft e, daí por diante, mais esse elemento passa a influir na vida política, social, econômica e financeira do país. Fomos por isso obrigados a estudar as origens, desenvolvimento e atuação da Bucha nos quatro capítulos de início deste segundo tomo, a fim de que se possa compreender o desenrolar dos sucessos históricos na Regência, no Segundo Reinado e, finalmente, na República.

Judaísmo, maçonaria e Bucha trabalham dia e noite nos bastidores da história do Brasil. Solto em São Paulo, Satanás vai estender seus tentáculos, descristianizando a nacionalidade através de seus moços, descristianizando o seu futuro. Essa foi e é a grande obra do Espírito do Mal contra a nação. Essa é e foi a única glória desse misterioso Júlio Frank, cujo túmulo no pátio da velha Faculdade é um escárnio e um insulto à nacionalidade.

Sob o pseudônimo de Júlio Frank, o leal servidor do Espírito das Trevas, Carlos Luiz Sand, lhe entregou a alma a 19 de junho de 1841, quando já madrugara a maioria salvadora de D. Pedro II. "Paz e glória à sua grande alma! Espírito gentil, hás de ficar sempre memorado no coração da juventude, que guarda os teus exemplos e ensinamentos, como quem encerra um diamante no fundo dum cofre (38)!" Diante deste necrológio de Spencer Vampré, que nenhum documento de valor justifica, nem um livro, nem um fato, nem um gesto, ocorre indagar:

— Que exemplos?

— Que ensinamentos?

Pode-se responder esmagadoramente com a insuspeita palavra dos que, cheios de injustificável simpatia, historiaram a vida da "figura cheia de mistério". Segundo Escragnolle Dória (39), esses exemplos eram de tal monta que os próprios estudantes viviam impedindo o seu querido professor de se entregar a contínuas libações alcoólicas. Segundo Lopes de Oliveira, que escrevia sob o pseudônimo de **Velho Sorocabano** e era parente de Francisco de Assis Vieira Bueno, discípulo de Júlio Frank, tradutor dos versos de Byron recitados na noite de Walpurgis do cemitério da Consolação, os ensinamentos só podiam ser os de um homem "muito supersticioso", que "prestava atenção a credences e práticas indígenas" (40), freqüentando as "sessões de magia negra"..

Belos exemplos! Admiráveis e respeitáveis ensinamentos! Álcool, superstição e magia negra, trilogia que não justifica o túmulo na Faculdade, senão nas corujas ou mochos **minervais** que o ornamentam, símbolos dos agouros e dos dramas da Treva, emblemas da Noite...

O satanismo das sociedades secretas, depois das revelações dos livros de Domenico Margiotta, não são mais segredo para os estudiosos do assunto. Os paladistas americanos — diz esse autor — veneram Lúcifer como o Deus Bom, o Bom por excelência. Miss Diana Vaughan, que, mais tarde se arrependeria de seus desregramentos e auxiliaria à revelação das enormidades em que tomara parte, achara vestígios desse culto infernal entre os restos dos hereges valdenses que demoram no fundo dos vales do Piemonte. O grande pontífice do satanismo maçônico na Europa foi o aventureiro e ladrão Adriano Lemmi, que apostatou e se fez judeu, circuncidando-se (41). Ele conseguiu, aproveitando-se dos apertos financeiros duma família nobre, alugar em Roma o palácio Borghese e instalar o culto de Satanás na própria capital do Cristianismo. Quando foi obrigado a entregar aquela mansão fidalga, onde haviam residido Papas, aos seus legítimos proprietários, em maio de 1895, a imprensa publicou a seguinte notícia: "O TEMPLO DE SATAN — Os representantes da família Borghese, visitando o palácio, a fim de prepará-lo para as núpcias, descobriram um aposento vedado a todos e que recusavam abrir. Era o Templo Paládico, onde tronava a horrível imagem de Satan, rodeada de grande número de outras figuras e símbolos monstruosos, ornado de cortinados e tapeçarias vermelhas e negras (42)."

No seu número de 18 de maio de 1895, o jornal católico "Croix du Dauphiné", de Grenoble, estampava esta descrição: "As paredes

laterais estavam cobertas de magníficas colchas de damasco encarnado e negro. Cobria a do fundo uma grande tapeçaria sobre a qual se destacava a figura de Satan. Ao pé dessa imagem infernal, erguia-se um altar ou lareira. Aqui e ali, alinhados, triângulos, esquadros e outros símbolos da seita. Depois, livros e rituais maçônicos. Em volta, poltronas douradas, tendo, todas, na moldura que coroa o encosto, um grande olho de vidro iluminado por pequenina lâmpada elétrica. No meio do templo infame elevava-se o trono especial do Grande Pontífice Satanista (43)."

Segundo nos conta Domenico Margiotta o satanista convertido, nas cerimônias paládicas se canta o GODDAEL MIRAR, canto cabalístico luciferiano, o GENNAITH MENNOG e o VANERIAM OHBLER-RAK, cantos obscenos e fálicos; se rezam, em lugar da Ave Maria, o AVE EVA! em lugar da Salve Rainha, o SALVE CAIM; em lugar dos Sete Salmos da Penitência, os SETE SALMOS A MOLOCH; em lugar da Ladainha da Virgem, o ABAH DE ASTARTEA; em lugar da Ladainha dos Santos, o ABAH DOS SETENTA E TRÊS; em lugar do Glória ao Padre, o GLORIA LUCIFER VICTORI (44).

O Paladismo Maçônico é um neo-gnosticismo maniqueu, segundo o qual Lúcifer é igual a Adonai, deus da luz e do bem, que vive lutando em prol da humanidade. O doutor Bataille estudou profundamente a questão num livro célebre e difícil de ser encontrado, porque os interessados o têm feito desaparecer — "Le diable au XXéme.sié.cle". A loja maçônica PALLADIUM, que espalhou o culto no mundo, foi fundada em Charleston, nos Estados Unidos, em 1801, pelo judeu Isaque Long, que para ali levou, como paládio, a figura do Bafomet templário e um crânio que declarava ser de Jacques de Molay (45). O PALLADIUM agia em íntima conexão com o Rito Escocês Antigo e Aceito, cujo Supremo Conselho do Brasil foi instalado no Rio de Janeiro a 16 de novembro de 1829, dois anos antes da abdicação e quando começava a funcionar a Bucha paulista, graças ao misterioso Júlio Frank, dado à magia negra, conforme afirma o historiador Escragnolle Dória (46). A maçonaria satânica prolongou-se até nosso país. Nada sabemos quanto a épocas mais remotas, porém, de acordo com os documentos do arquivo do Grande Diretório Central de Nápoles, o Rio de Janeiro era a Vigésima Oitava Província Triangular e seu grão-mestre, em 1890, era o sr. Henrique Valadares (47).

O Paladismo vê em Lúcifer um rival mais poderoso do que Deus, cujo triunfo, de acordo com o LIVRO APADNO, está marcado para 29 de setembro de 000999, ano da verdadeira luz, que corresponde a 1995 da era cristã (48). Domenico Margiotta é de opinião que "os

povos, para voltarem à sua primitiva grandeza, só têm um meio: abater e destruir completamente toda a lama maçônica judaica, porque maçonaria e judaísmo se dão as mãos e se completam, porque maçonaria e judaísmo são os verdadeiros inimigos do progresso, da civilização, do cristianismo (49)."

Na verdade, a maçonaria em qualquer de seus aspectos ou formas nada mais é do que uma seita religiosa maniqueia, sendo a última palavra de seus segredos e mistérios o culto de Lúcifer ou Satan, adorado nas lojas de retaguarda como o Deus Bom, em oposição ao Deus dos católicos, que os iniciados blasfemos chamam o Deus Mau (50).

De posse dos dados e documentos que aqui alinhamos é que se pode compreender a formal condenação das sociedades secretas pela Igreja, capitulada no Cânone 2.335 do "Código de Direito Canônico": "os que dão seu nome à seita maçônica ou a outras associações do mesmo gênero que conspiram contra a Igreja ou as legítimas potestades civis, contraem pelo mesmo fato a excomunhão simplesmente reservada à Sé Apostólica." O Cânone 2.336 condena com maiores penas os eclesiásticos que se filiarem a essas sociedades. Os Papas jamais cessaram de repetir suas condenações formais: Clemente XII pela Constituição IN EMINENTI, Bento XIV pela Constituição PROVIDAS, Pio VII pela Carta Apostólica ECCLESIAM A JESU CHRISTO, especialmente contra os carbonários, Leão XII pela Constituição QUO GRAVIORA, Gregório XVI pela Encíclica MIRARI VOS, Pio VIII pela Encíclica aos Bispos do Mundo, Pio IX vinte vezes e Leão XIII pela Encíclica HUMANUM GENUS. A maçonaria, nas publicações que faz em sua defesa, costuma dar os nomes de clérigos que a ela pertenceram ou que a elogiaram em público. Não se deixem os fiéis desavisados e os padres enganar com o subterfúgio. A maçonaria é condenada e todos os que dela fazem parte estão excomungados **ipso facto**. A Igreja não compactuará nunca com a maçonaria. Jesus Cristo não faz concessões a Satanás. Este é o Pai da Mentira. Por isso, a maçonaria vive da mentira.

Somente o culto do demônio explica os atos de satanismo byroniano dos estudantes bucheiros de São Paulo, criados na escola secreta de Júlio Frank, cujo túmulo deveria ser retirado da Faculdade como sinal de que o Brasil cristão não suporta mais o poder das trevas, que o assassino de Kotzebue lhe impôs através da infeliz mocidade que a sua seita abastardou.

Capítulo V

A DIVINDADE DO MISTÉRIO

A maior prova de ter sido a abdicação de 7 de abril de 1831 obra das forças secretas e não das forças verdadeiramente nacionais se encontra na confissão de Joaquim Nabuco: "A abdicação surpreendeu a nação, que esperava somente mudança de ministério (1)." E acrescenta que o remédio fôra demasiado violento para os pequenos males de que sofria a nação, e poderia ter sido evitado com vantagem (2)!

Deu-se o mesmo fenômeno na proclamação da República, em 1889. O movimento militar visava a deposição do gabinete Ouro Preto, mas dele surgiu a surpresa da República maçônica-positivista diante da nação estupefata. Assim, os poderes ocultos têm feito em todos os tempos, usando dos idealistas e dos inconscientes em seu proveito. O maior dos artifícios maçônicos é levar seus servidores a um fim, tendo em vista outro, o verdadeiramente secreto.

Citemos as sábias, insuspeitas palavras de Bernard Fay: "Em pleno dia, a Igreja Católica adora um Deus misterioso. O deus maçônico é evidente, porém a sociedade que o adora é toda mistério. Esse deus, reduzido a um princípio lógico (sic!), é um instrumento do espírito humano, enquanto que a sociedade, forte pelo seu domínio sobre os homens, é um poder obscuro. A maçonaria, desdenhosa do dogma, independente dos reis e da religião, mas envolta no seu segredo, que a ilumina como uma auréola, tem a suprema habilidade de substituir o Mistério da Divindade pela divindade do mistério (3)."

Iniciara-se a época que Justiniano José da Rocha denominava do "triunfo democrático inconstestado", coroando o "período de experiência e de luta" dos elementos monárquico e democrático, que durara de 1822 a 1831. Em 1836, iniciou-se, segundo o mesmo autor, a reação monárquica, que acabaria na maioridade. "De 1840 até 1852, domínio do princípio monárquico, reagindo contra a obra social do domínio democrático, que não sabe defender-se senão pela violên-

cia, e é esmagado (4)." Esse **triumfo democrático** com a queda de um Império constitucional, de instituições liberalíssimas, melhor seria chamado **triumfo republicano**, gerando, como o reconhece esse autor, aquela violência tão própria do liberalismo mentiroso. Isso também não escapou à agudeza de Nabuco, que afirmou, de 1831 a 1840, uma experiência da República, a qual produziria "somente desapontamentos", de maneira que o desastre fôra completo e "a opinião republicana desaparecera da face do país como em França após o Terror (5)."

A nação francesa enojara-se da sangueira jacobina, instaurada pelo judaísmo e pela maçonaria; a nação brasileira enojou-se por sua vez da violência e da desordem assopradas pelas sociedades secretas.

Como em todos os triunfos demagógicos dos homens cuja mentalidade foi deformada hábil e lentamente no recesso das lojas maçônicas, surgiram as facções rivais e se entredevoraram. O 7 de abril, que "resultara de dez anos de embates entre as correntes monárquicas e democráticas", como diz Euclides da Cunha (6) ou, melhor, entre as correntes monárquicas e republicanas, influenciadas pelos poderes ocultos das buchas e maçônicas, não podia, dum momento para o outro, impor a paz a essas opiniões divergentes e envenenadas. A confusão dos espíritos prosseguira, mercê da velocidade adquirida. O país achava-se profunda e violentamente dividido. Essa divisão provocaria incessantes lutas estéreis, destinadas a enfraquecê-lo e levá-lo a um processo de esfacelamento, do qual milagrosamente foi salvo. Chocaram-se no cenário nacional **exaltados, reacionários** e moderados, muitas e muitas vezes de armas em punho, derramando o sangue dos heróis na arena da guerra civil, para maior gáudio daqueles que têm interesse vital na destruição das sociedades cristãs.

Foi ainda o princípio monárquico que salvou o Brasil da anarquia e da **violência democrática**. Confessa-o claramente o próprio Euclides da Cunha, embora deixando que lhe introduzira no espírito o curso da Escola Militar: "Somente as tradições dinásticas, mais tarde, permitiriam que entre os **Exaltados**, utopistas avantajando-se demasiado para o futuro até entestarem com a República prematura, e os **Reacionários**, absolutistas em recuos excessivos para o passado, reponhasse o influxo dos **Moderados**, ou liberais monarquistas da Regência, o que equivalia à conciliação entre o Progresso e a Ordem, ainda não formulada em axioma pelo mais robusto pensador do século (7)."

O mais robusto pensador do século a que se refere o autor de "Os sertões" é Augusto Comte. Ignorando as questões judaico-maçônicas, que não preocupavam a sua geração, Euclides da Cunha não poderia suspeitar as ligações que existem entre a maçonaria e o positivismo, o que permitiu sua estreita colaboração na destruição do Segundo Reinado e na implantação da República sob o dístico "Ordem e Progresso". Os representantes, por assim dizer oficiais, do positivismo da época, Littré e Wirouboff, foram recebidos em 1873 pela loja parisiense **La clémente amitié**. "Essa recepção não foi um fato comum: quis-se assinalar que **a franco-maçonaria adotava toda a doutrina positivista**, isto é, a eliminação radical de toda idéia de moral, de todo fato que não pode ser experimentado pelos sentidos, em conclusão, o mais brutal materialismo (8)." Deu-se tanta importância a essa recepção que a referida loja celebra seu aniversário, solenemente, todos os anos. Na celebração de 1877, o **irmão** Júlio Ferry pronunciou um discurso alusivo, do qual extraímos os trechos mais significativos: "Se o positivismo fez sua entrada na maçonaria, é que esta era positivista de há muito, sem o saber. A fraternidade é uma coisa superior a todos os dogmas, a todas as concepções metafísicas e não só a todas as religiões como a todas as filosofias. Isto quer dizer que a humanidade, que não é mais do que o nome científico da sociabilidade, é capaz de se bastar a si mesma; isto quer dizer que a moral social tem suas garantias, suas raízes na consciência humana, que pode existir sozinha, que pode, enfim, lançar fora suas muletas teológicas e marchar livremente para a conquista do mundo. Sois **um dos mais preciosos instrumentos** para essa cultura, para esse desenvolvimento da moral social e **leiga** a que pertenceis (9)." Referindo-se ao positivismo na "Masonic Review" de 16 de janeiro de 1874, o deputado e maçom italiano Mauro Macchi escrevia que o homem precisa da liberdade e esta consiste em libertar-se de qualquer responsabilidade além da morte, acreditando somente na matéria e no que os sentidos percebem, o que é positivismo puro.

Como se vê, dogma e moral da maçonaria são idênticos, no fundo, aos do positivismo. Sua aliança se faz, pois, naturalmente. **Qui s'assemble se ressemble.**

Apeado do trono o Imperador D. Pedro I, exaltados, reacionários e moderados se encontraram da noite para o dia donos do país que iam convulsionar. Agruparam-se logo em sociedades e clubes, como Os girondinos e jacobinos de 1793, grêmios que não passavam de Manifestações aparentes dos conciliábulos secretos que tomaram o Poder e somente sob esse disfarce podiam mostrar-se, atuando dire-

tamente nos acontecimentos políticos. Os exaltados fundaram a Sociedade Federal. Os resíduos absolutistas acoutaram-se na Sociedade Militar. Os moderados organizaram a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência, que se tornou o maior poder político da época, nominalmente presidida por um iniciado nas **grutas** de Coimbra, Odorico Mendes, onde pontificava Evaristo da Veiga (10), à frente de seu bando: Vergueiro, Limpo de Abreu, Carneiro Leão, Paula Souza. Os exaltados tinham à sua frente Epifânio José Pedroso, Pais de Andrade, o maçom mirandista fujão de 1824, Bernardo de Vasconcelos, os irmãos França, Miguel de Frias, republicano mutino, Cipriano Barata, artesão da intentona baiana de 1798 que levava os pobres alfaiates à forca. Dirigiam os reacionários José Bonifácio, tutor dos príncipes, Paranaguá, Cairu, Martim Francisco. Depois, veio ainda a formar-se a Sociedade Conservadora, composta de senadores, deputados, negociantes, generais e capitalistas, os que tinham o que perder e punham as barbas de molho, fazendo a propaganda da restauração. Todos esses clubes de declamadores vazios tinham sucursais nas províncias e somente serviram para entreter na capital do Império e propagar pelo interior lutas, conflitos, crimes e agitações (11).

A Regência Provisória, eleita pelas Câmaras, composta pelo marquês de Caravelas, o senador Vergueiro e o general Francisco de Lima e Silva, restituiu as pastas ao ministério despedido pelo Imperador no dia 5 de abril: Souza França, Francisco Carneiro de Campos, José Manuel de Almeida, José Manuel de Moraes e o visconde de Goiana. Unicamente Holanda Cavalcanti foi substituído por José Inácio Borges. Mandou cantar um TE DEUM na igreja de São Francisco de Paulo e deitou, nestes termos, manifesto aos povos pasmados pela inesperada mudança governamental: "Compatriotas! Está terminado o primeiro e mais perigoso período de nossa tão necessária quão gloriosa (12) revolução. O Imperador acaba de sair do porto desta capital, retirando-se para a Europa. Uma embarcação de guerra nacional o acompanha até largar as águas do Brasil. Os nossos inimigos são tão poucos e tão fracos que nem merecem consideração; contudo o governo vela sobre eles como se fossem muitos e fortes. Mas, se nada temos a temer dos nossos inimigos, devemos temer de nós mesmos, do entusiasmo sagrado do nosso patriotismo, do amor da liberdade (13), e pela honra nacional que nos pôs as armas nas mãos. Vossa nobre conduta e vossa moderação, depois da vitória, podem servir de modelo a todos os povos do mundo. Não lanceis nela a mais pequena mancha. Confiai inteiramente no governo (14)."

Recolheram-se aos quartéis as tropas que se tinham indisciplinado e que, breve, deles sairiam para outras indisciplinas. Obediente às lições dos mestres, a soldadesca se desmandaria dali por diante em sucessivas quarteladas e pronunciamentos. Promulgou-se a eterna anistia aos implicados nos vários sucessos políticos, excetuados os estrangeiros.

Reinava uma calma aparente. A 9 de abril, os pequeninos príncipes, cujo pai rumava para o exílio e para a sua maior glória, à reconquista do reino lusitano, os pequeninos príncipes, órfãos de carinho familiar, entregues a uma tutoria política-maçônica, D. Pedro, Donas Januária, Francisca e Paula, compareciam em trajes de gala ao Paço da Cidade e José Bonifácio apresentava duma das sacadas D. Pedro ao povo, conforme se vê numa estampa de Debret. Debuxava-se o terror nos seus pálidos rostos infantis. Pareciam reféns, na opinião dum dos próprios ministros do novo governo (15). E, na verdade, não eram outra coisa.

Aquela calma durou pouco. Dias depois, a atmosfera toldava-se. Tumultos e desordens rebentavam por toda a parte, regidos por uma batuta invisível. As noites eram cheias de ameaças e violências. Atacavam-se os que se suspeitavam serem partidários do Imperador. Enfocavam qualquer resistência pelo terror, favorável aos manejos das trevas, o qual alastrava diante da incapacidade da política e da impotência das autoridades. O princípio da autoridade fôra mortalmente ferido por aqueles mesmos que dela se haviam apoderado.

Tudo era visivelmente conduzido de modo a enfraquecer o poder central, já de si dividido por três homens, um dos quais, Vergueiro, profundamente ligado à bucha e à maçonaria, poder, portanto indeciso e impotente. Surgiam de todos os lados jornais panfletários, semeando alarma e confusão, desfazendo reputações, provocando motins, acirrando ódios, baralhando idéias e princípios. Alguns com títulos nitidamente maçônicos: "A Nova Luz Brasileira", "O Exaltado de Jurujuba", êmulo daquela "Sentinela da Praia Grande" de antes da abdicação. "A Aurora", "O Independente", "A Astréa" envenenavam os cariocas; "A Bússola", os pernambucanos; "O Observador", os paulistas; "A Sentinela" e "O Eco da Liberdade", os baianos.

Nesse ambiente agitado, convulso, as manobras ocultas contra a incipiente riqueza nacional, já iniciadas, como vimos, ao tempo do motim dos mercenários. O comércio definhava a olhos vistos. A indústria e a agricultura anquilosavam-se. Reinava a falta de dinheiro, misteriosamente retirado da circulação. As rendas públicas diminuía, assoberbando de dificuldades os governantes. O câmbio baixava. As apólices cotavam-se a menos 30% do seu valor.

Breve, as sedições começaram a espoucar por todo o país que mergulhava numa "decomposição espontânea" como a das juntas governativas anteriores (16). Por trás das sedições de caráter militar nas capitais, já se podia adivinhar um panorama trágico de rebeldias matutas que iam ser tangidas por um dedo invisível e misterioso como todas as suas irmãs da história, jaquérias sem razão e sem destino. Os jaques de 1358 queimaram os castelos, mataram e violaram sem saber bem por que, afirma o velho Froissard (17). Os primeiros queimadores de castelos da França revolucionária agiram do mesmo modo. Os bandos de Hoja, na Transilvania, em 1784, e os Robota da Boemia, em 1783, idem (18). Assim fizeram Cabanos e Balaios da Regência. Uma força oculta os impelia. Mas, quando se sabe que o movimento dos jaques é mais ou menos contemporâneo da grande conspiração maçônico-judaica dos Templários, que o dos transilvanos e boêmios corresponde aos manejos dos Iluminados na Europa Central e que o dos franceses corrobora a Grande Revolução, logo o segredo se aclara...

Euclides da Cunha sentiu como ninguém a tragédia das rebeldias matutas, mas explicou-as somente com os dados que se obtêm à luz meridiana, não com os que se vão procurar nos subterrâneos da história: "... questão mais séria, que passou despercebida e se destinava a permanecer na sombra até aos nossos dias. Era o crescente desequilíbrio entre os homens do sertão e do litoral. O raio civilizador refrangia na costa. Deixou na penumbra os planaltos. O maciço dum continente compacto e vasto talhava uma fisionomia dupla à nacionalidade nascente. Ainda quando se fundissem os grupos abeirados do mar, restariam, ameaçadores, afeitos às mais diversas tradições, distanciando-se do nosso meio e do nosso tempo, aqueles rudes patrícios perdidos no insulamento das chapadas. Ao **cabano** se ajuntariam no correr do tempo o **balai**, no Maranhão, o **chimango**, no Ceará, o **cangaceiro**, em Pernambuco, nomes diversos duma diátese social única, que chegaria até hoje, projetando nos deslumbramentos da República a **silhouette** trágica do **jagunço** (19)."

Sedições borbulham ateadas a qualquer pretexto ou sem pretexto algum como que por mãos misteriosas. São fogachos que queimam e logo se apagam para novamente se acenderem. Prenunciam os grandes incêndios que quase consumirão o país inteiro. Já antes da abdicação, como em obediência a ordens desconhecidas, os quartéis se manifestavam. Na Bahia, no dia 4 de abril, a guarnição se insubordinou contra o general Calado, herói de Ituzaingó, que se encerrou com as forças fiéis no forte de São Pedro, pronto para a resistência.

Os amotinados ocupam o forte do Barbalho (20). Mas a luta não se trava. O presidente Araújo Bastos prefere um conchavo à maneira liberal, do qual resulta o embarque do general para o Rio, no dia 6. O conchavo não salvou o presidente que o fez. Sentindo-se fraco, desprestigiado, renuncia. E tudo, então, se acalma à espera de novas instruções para novas desordens.

Em junho, vem a furo o primeiro tumor republicano. O deputado Antônio Ferreira França apresenta um projeto, estabelecendo que o governo do Brasil fosse vitalício na pessoa do pequenino D. Pedro, sucedendo-lhe, por morte ou impedimento, um presidente das Províncias Confederadas do Brasil. "A Câmara decidiu que o projeto não fosse discutido (21)." Já fôra votada a lei organizando e dando atribuições à Regência, que seria permanente e sem poder moderador. Isto correspondia a verdadeiro enxerto republicano no regime monárquico (22). Vê-se aonde conduziam as tendências dóceis às sugestões das lojas, mas o projeto do deputado Ferreira França as tornava demasiadamente claras, o que não convinha.

Apresentou-o a 16 de junho. A 17, o parlamento elegia a Regência Permanente: Costa Carvalho, mais tarde marquês de Monte Alegre, Bráulio Moniz e o general Francisco de Lima e Silva, Dos três regentes provisórios somente se salvava, na segunda fornada, o de espada... Outras fornadas de regentes conjugados ou sozinhos se sucederiam. A nação ia mudar de governos como se muda de camisa...

A sedição baiana de 6 de abril, antecipando-se de modo curioso à abdição, prenunciava outras, muitas outras. No Pará, a Sociedade Patriótica, dirigida pelo cônego Batista Campos, deu um golpe com a tropa e o povilêu assanhado, a 24 do mesmo mês, depondo o presidente da Província, barão de Itapicuru-Mirim, que se refugiou a bordo do brigue "3 de maio". Mas o general Soares de Andréa despejou-se dos quartéis com as forças fiéis, varreu as ruas à baioneta e repôs a autoridade. Gonçalves Campos foi preso violentamente em sua casa. Estudaremos mais minuciosamente a anarquia paraense no capítulo reservado aos cabanos. Enquanto o general Andréa permaneceu no Pará, a ordem não foi perturbada; mas o padre, através da Sociedade Patriótica, procurava impor sua saída aos políticos da capital.

Sentia-se que esses fogachos acabariam incendiando o Rio de Janeiro. Daí a necessidade de dar permanência, estabilidade aos regentes. Ao mesmo tempo, porém, reinava o **medo democrático** de fortalecer o poder. A Câmara, tonta, manobrada da sombra, dividida

em grupelhos palreiros e rivais, votava uma enxertia republicana na Constituição do Império e retirava de D. Pedro I o direito de nomear o tutor de seus filhos. Negava-lhe o pátrio poder para atribuí-lo à assembléia, isto é, à irresponsabilidade das maiorias ocasionais. A voz do visconde de Cairu protestou contra esse ato que hesitamos em classificar como enormidade ou mesquinharia. O fito não era arrancar diretamente a tutoria a José Bonifácio, mas enfraquecê-la em suas mãos, pondo-a na dependência do poder político, e, ao mesmo tempo, ferir de longe o monarca deposto, o **ingrato**, o **perjuro**, que, na linguagem do manifesto maçônico de Ledo e José Bonifácio, ferira e dispersara os obreiros de Hiram com o próprio malhete dourado que lhe haviam confiado...

A permanência dos regentes não era bastante para lhes dar força. Precisavam de mão hábil e enérgica que os guiasse e sustentasse. Escolheram para ministro da Justiça o padre e maçom Diogo Antonio Feijó, o qual seguia o idealismo pregado nas lojas, mas não até ao ponto a que chegava o anarquismo de muitos de seus contemporâneos. Estava disposto a combatê-los. Era um revolucionário liberal que não desejava ir além de certos limites. Essa sinceridade não impede os homens assim de inconscientemente trabalharem pelo Poder Oculto.

Quase todos os revolucionários liberais se medem pela mesma craveira. Vão somente até certo ponto, pensando que é possível deter-se ali. Alguns chegam, por exemplo, ao socialismo avançado. Ao comunismo, não. Diante do comunismo, querem recuar, ignorando que o declive fatal não o permite. Trabalham desta sorte a prol do comunismo, levando seu país à etapa mais próxima. Outros concluirão a obra que deixaram perto do termo. Desta forma, suggestionados por ideais falsos, utópicos ou mentirosos, embora parecendo atuar em campos opostos, os cristãos que se enfeudam às sociedades secretas vão servindo sem o saber à causa de Israel, o qual, alheio às competições que provoca, unicamente ganha com elas. Ele divide a sociedade cristã em campos violentamente opostos, enfraquecendo-a para a dominar. Enquanto os seus inimigos, pois de outra maneira não considera os gentios, se combatem, separados em grupos rivais que chegam até o derramamento de sangue, o grupo unido e coeso do judaísmo vai dando as cartas.

Feijó assumiu a pasta da Justiça. "Os olhos da população ameaçada, como escrevia Evaristo da Veiga, voltaram-se para este homem forte e íntegro." Era tempo. Os pronunciamentos militares estavam a rebentar por dias. Foi nomeado e tomou posse a 5 de julho. No dia 12, rebelava-se o 26º de infantaria no morro de São Bento. Dominado, foi